

INSTITUTO SÃO CARLOS BORROMEU

ENSINO MÉDIO

– 2º ANO –

ENSINO RELIGIOSO

VOLUME ÚNICO

Apostila do 2º ano do Ensino Médio, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.



ENSINO RELIGIOSO



AULA 01

INTRODUÇÃO À DISCIPLINA DE ENSINO RELIGIOSO DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO



Doutrina Católica é essencial para a orientação moral, ética, teológica e litúrgica do fiel, fornecendo um conjunto de ensinamentos e diretrizes para uma vida virtuosa e justa. Através da Doutrina, o católico é chamado a buscar a vida eterna e a se esforçar para ser conhecido como “filho de Deus”.

O Batismo impõe graças que cooperam para a elevação da alma a Deus, de modo que o fiel possa alcançar a bem-aventurança eterna. As virtudes cardeais ajudam na formação do caráter católico para alcançar este fim. As teologais – Fé, Esperança e Caridade – nutrem a alma com aquilo que é próprio do Senhor. Estas virtudes são vividas pelo fiel mediante a graça divina e é crucial conhecê-las e praticá-las na caminhada espiritual de um bom católico.

Santo Tomás de Aquino descreve as virtudes como hábitos bons e estáveis que permitem que uma pessoa viva de acordo com a razão e alcance a verdadeira felicidade. As virtudes cardeais, como a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança são fundamentais para o desenvolvimento da vida moral e espiritual, pois guiam e fundamentam as ações em vista do bem comum.

As virtudes teologais, a fé, a esperança e a caridade têm sua origem em Deus e nos direcionam a Ele como nosso fim último, e nisto consiste a nossa bem-aventurança – a felicidade eterna.

Através do exercício constante das virtudes, com a ajuda da graça divina, buscamos alcançar uma retidão moral, também denominada caráter e, pouco a pouco, nos aproximamos da verdadeira e única felicidade.

Ao falarmos de felicidade, nos referimos ao fim último ao qual o homem foi destinado. O pecado, porém, compete com tal fim, gerando uma desordem na vida humana, de tal modo que nos desviando deste fim. Quando o homem se entrega ao pecado, nutre, em seu corpo e alma, uma série de desvios, ao qual a Igreja considera como desordem, que impede que o homem possa alcançar a sua plenitude, ou o seu fim: a santidade ou a felicidade. Agindo assim, o homem desvia-se do seu único caminho, verdade e vida, que é Jesus Cristo.

Neste caso, a Doutrina Católica serve como um guia para o conhecimento e a prática das virtudes, ensinando a Fé Revelada, e ajudando a discernir entre a verdade e o erro, fornecendo os preceitos da fé e da identidade católica.

Quanto ao termo identidade católica, ele indica que, assim como um batizado crê, professa Jesus Cristo como seu único Senhor e Mestre e renuncia ao diabo e suas máximas, um católico age desta mesma forma, e isto é o que dissemos antes: caráter. Pois caráter é a vontade humana fixada no bem. E o bem é o próprio Cristo.

Ao longo deste ano de estudo na Escola da Perfeição Cristã, iremos aprofundar os nossos estudos no campo da ação católica. Todo bom católico deve formar-se, nutrir-se e edificar-se na São Doutrina da Igreja Católica. Aqui, damos destaque à Virtude da Fé e da Esperança.

A fé é um ato do intelecto, movido pela vontade, que assente as verdades reveladas. A inteligência se dobra diante de Deus e aceita a Revelação Divina como um bem vantajoso para a alma humana. Pico de Mirandola diz que não é só imprudência, mas loucura não querer aceitá-la (a Revelação).

Santo Tomás de Aquino enfatiza que a fé, sendo um ato, precisa ser aperfeiçoada pelo hábito para alcançar a virtude. A perfeição consiste no conhecimento da Doutrina e na prática da piedade. Santo Agostinho destaca que a fé vai além da compreensão intelectual e é uma resposta voluntária da vontade, que escolhe crer e confiar nas verdades reveladas. A fé desafia o intelecto a aprovar essas verdades, guiando-o na total adesão das verdades reveladas.

A importância da fé está relacionada ao fato de que ela não se limita apenas a um conhecimento intelectual ou especulativo. A fé vai além disso, envolvendo todo o ser daquele que a possui. Ela desperta um amor e desejo pela Verdade Revelada, influenciando não apenas o intelecto, mas também a vontade. A fé motiva e direciona a vontade daquele que crê, orientando suas ações e escolhas de acordo com a verdade. Ela não é apenas uma crença passiva, mas um impulso ativo que leva a pessoa a viver de acordo com os princípios e ensinamentos da Doutrina da Fé.

Além disso, a fé é um meio de prestar a Deus a devida honra e glória. Ela influencia as atitudes, desejos e ações do fiel, levando-o a viver uma vida em conformidade com os preceitos divinos.

A fé é uma virtude infusa concedida por Deus no momento do Batismo. É por meio da graça de Deus que a fé é semeada na alma do católico, permitindo-lhe crer em todas as verdades reveladas. A fé é um tesouro inestimável que conduz às verdades divinas e à Salvação. Ela é comparada a um tesouro escondido no campo, pelo qual devemos estar dispostos a renunciar a tudo para possuí-lo. Além disso, a fé é uma defesa eficaz contra os inimigos da nossa salvação, fortalecendo-nos espiritualmente contra as tentações e ataques do maligno. Ela também é fonte de merecimentos e conserva a paz no coração, nos mostrando que, ao sofrer com mansidão e fortaleza, alcançaremos a vida eterna.

Para aderir à fé católica, é necessário sacrifício. Requer a submissão do entendimento às verdades reveladas. Embora Deus queira que usemos nosso entendimento para reconhecer a revelação divina, as verdades da fé não podem ser alcançadas plenamente pela razão humana. Os mistérios da fé excedem o alcance da razão. Daí a necessidade de sacrificar o entendimento para aderir plenamente à Fé Revelada.

A vida conforme os preceitos da fé implica viver de acordo com os ensinamentos e valores do Evangelho. Os católicos são chamados a demonstrar sua fé por meio de uma vida virtuosa, refletindo as virtudes de Cristo em seu comportamento diário. A vida virtuosa não é apenas uma obrigação moral, mas também um testemunho da verdade da fé ao próximo.

A virtude da esperança, assunto da última aula desta apostila, é uma virtude sobrenatural que nos permite confiar plenamente nas promessas de Deus e buscar a salvação eterna. A esperança cristã está direcionada para a obtenção da bem-aventurança eterna, ou seja, a posse de Deus no Céu. Ela está intimamente ligada à fé e ao amor a Deus – a caridade, pois é a certeza de que, ao perseverarmos na fé e no amor, seremos recompensados com a vida eterna em Sua presença.

A esperança é fundamentada em quatro motivos: as promessas de Deus, Sua vontade de salvar todos os homens, os merecimentos de Jesus Cristo e a intercessão de Maria, nossa Mãe. Esses motivos nos incentivam a confiar plenamente em Deus e a buscar Sua graça para a nossa salvação.

Pois que ela deve ser firme, apoiada unicamente em Deus e operosa, ou seja, acompanhada do uso dos meios de salvação e santificação que Ele nos proporciona. Devemos confiar na bondade de Deus e colocar em prática as virtudes, agindo como se tudo dependesse de nós, enquanto confiamos que a graça divina nos preencherá. A esperança também deve ser animada pela caridade, pois a caridade aumenta a esperança e a leva à perfeição.

A esperança nos obtém tudo, vence todos os obstáculos, nos conduz à perfeição e nos dulcifica, trazendo paz interior mesmo diante das tribulações. Ela é uma virtude poderosa que nos sustenta nos momentos difíceis e nos encoraja a perseverar até o fim.

NOSSO ESTUDO, NESTE ANO, IRÁ SE DEDICAR AO APROFUNDAMENTO PARTICULAR DAS VIRTUDES PARA FORMAR O CARÁTER CATÓLICO

Os Santos são exemplos extraordinários de virtude e testemunhas vivas da fé, esperança e caridade. Eles demonstraram de maneira concreta como viver essas virtudes em suas vidas e como se tornar verdadeiros discípulos de Cristo.

A fé dos Santos era profunda e inabalável. Eles acreditavam firmemente nos ensinamentos de Jesus Cristo e confiavam plenamente em Deus, mesmo em meio às dificuldades e perseguições. Sua fé os impulsionava a buscar uma relação íntima com Deus por meio da oração, dos sacramentos e da prática das virtudes.

A esperança dos Santos era uma esperança fervorosa na vida eterna com Deus. Eles tinham uma visão clara da realidade transcendental e buscavam a bem-aventurança eterna acima de tudo. A esperança os sustentava em tempos de tribulação, dando-lhes coragem e perseverança para enfrentar os desafios da vida.

A caridade dos Santos era marcada por um amor genuíno e desinteressado pelo próximo e por Deus. São Domingos Sávio proclamava: “Antes morrer do que pecar”, que exprime a

total entrega da alma a Deus, conferindo a Ele o desejo íntimo de não ofendê-Lo, tampouco ao próximo. Em geral, os Santos se preocupavam com as necessidades do outro, dedicando suas vidas ao serviço e ao bem comum. Tal caridade é um reflexo do amor de Deus, que transborda em ações e relacionamentos.

Os Santos são exemplos vivos de como a fé, a esperança e a caridade se manifestam na vida cotidiana. Suas vidas foram marcadas por virtudes heroicas, como humildade, paciência, generosidade e o perdão. Eles nos inspiram a buscar uma vida de santidade e a plenitude da vida, seguindo seus exemplos, imitando suas virtudes e pedindo a sua intercessão. Daí a importância de aumentarmos a nossa prática da oração diária e de elegermos santos patronos ou intensificar a recomendação das nossas vidas a eles.

Os Santos são os mestres da escola da perfeição cristã. Eles nos ensinam, com suas vidas, o que significa viver plenamente. Eles são exemplos vivos de como a fé, a esperança e a caridade podem transformar a vida de uma pessoa e levá-la a uma união mais profunda com Deus. Assim como os alunos olham para seus professores em busca de orientação e inspiração, os fiéis olham para os Santos como modelos a serem seguidos. Os Santos mostram que é possível viver uma vida de virtude e santidade, mesmo diante das dificuldades e desafios que o mundo impõe. Os Santos nos ajudam a vencer os três inimigos: a carne, o mundo e o demônio.

Na escola da perfeição cristã, o aluno é chamado a cultivar a fé, buscando conhecer cada vez mais os ensinamentos de Cristo e aprofundar sua relação pessoal com Ele. Ele é incentivado a nutrir a esperança na vida eterna, mantendo seus olhos fixos no Céu, confiando nas promessas de Deus. Além disso, é encorajado a praticar a caridade, colocando em ação o amor de Deus em seus relacionamentos – com Deus, consigo e com o próximo – e ajudando aos que mais necessitam. Assim como na escola, onde o objetivo é aprender e crescer, na escola da perfeição cristã, o objetivo é crescer em virtude e buscar a santidade. Os Santos são os melhores exemplos de como atingir esse objetivo, e seus testemunhos inspiram e encorajam a seguir em frente, perseverando como um bom católico.

COMO SE DARÁ ESTE ESTUDO

O Ensino Religioso do Segundo Ano do Ensino Médio terá 36 aulas.

O estudante deverá organizar sua rotina de estudos, para que cada aula, semanalmente, seja realizada por cerca de duas horas de estudo, sem contar as orações que devem ser feitas diariamente e a participação nos Sacramentos. Cada aula terá a seguinte estrutura:

Oração inicial – antes de iniciar os estudos, a alma deve ser preparada – a inteligência, memória e vontade – deve ser dócil ao estudo (humilde e pobre) e dócil à Vontade Divina.

Sumário – é o resumo ou introdução de cada aula.

Conteúdo principal da aula – é o texto orientador para cada aula. Deverá ser lido com o máximo de atenção. Este texto reunirá todos os principais conteúdos do catecismo ou da instrução a ser passada.

Noções preliminares da doutrina cristã – em forma de perguntas e respostas, pouco a pouco, iremos aprendendo os conteúdos essenciais da nossa fé católica, buscando sempre uma amizade com Deus.

Outros conteúdos da aula – exemplificando os aspectos da fé, da esperança e da caridade. Poderá narrar a história dos santos, os sacramentos, o Magistério da Igreja, da Tradição e da Palavra de Deus.

Lição piedosa – assim chamamos a lição ou tarefa para cada aula. Elas poderão ser realizadas em um caderno específico para a disciplina de ensino religioso. O objetivo é aumentar a piedade e a devoção. Algumas aulas poderão não conter lições, devido ao conteúdo da própria aula.

Oração de conclusão do estudo – ao fim de cada aula propomos uma oração meditativa escrita por algum santo ilustre da Igreja Católica.

Além de todo o conteúdo de cada aula, utilizaremos imagens auto explicativas. As imagens nos ajudam a firmar ainda mais a nossa fé, nossa devoção e nosso amor.



Nossa Senhora Rainha.



AULA 07

O AMOR DOMINA AS PAIXÕES

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: *A vontade humana, guiada pelo amor divino, domina todas as faculdades do espírito humano, incluindo inteligência e memória. O amor de Deus é o primeiro amor que governa todas as paixões. O homem, guiado pelo pecado, gera uma desordem a este amor. Suas paixões são têm origem na carne e seu espírito se preenche com a vaidade e a soberba. Por isso, a dimensão católica transcende a existência material, apontando esta realidade para a vida eterna. A vontade, submetida ao amor, orienta as outras faculdades. O amor divino, portanto, é o fruto da ação do Espírito Santo, concedido pelo Batismo, que orienta o homem ao seu fim último.*

A VONTADE DOMINA TODAS AS FACULDADES DO ESPÍRITO HUMANO

“Suscitarei para mim um sacerdote fiel, que procederá segundo o meu coração e minha vontade. Eu lhe construirei uma casa durável e ele andarará sempre diante do meu ungido” (1 Sm 2, 35).



O amor de Deus domina os outros amores, diz São Francisco de Sales. A vontade governa todas as outras faculdades do espírito humano (inteligência e memória), mas é governada pelo seu amor que a torna tal-qual ele é. Como foi dito anteriormente, a vontade é como um leme de um navio que determina a direção pela qual ele deve navegar. O leme obedece ao comando de seu navegador. Logo, a vontade é governada pelo seu amor, que pode ser ordenado para Deus ou desordenado. Explicaremos um pouco mais a respeito disso.

O amor de Deus é o primeiro entre todos os amores que o homem deve desejar possuir. Ele deve, a tal ponto deixar dominar todas as suas outras paixões, de modo que elas sejam secundárias a este princípio. No entanto, esta tarefa, para o homem decaído pelo pecado, não é fácil, pois sua carne tem desejos incompatíveis com a necessidade da sua alma. A alma está submetida à carne de tal ponto, que o homem é dominado pela sua natureza decaída pelo pecado original. Se o homem não domina, deixa de existir e perece.

Aqui é importante sabermos que a dimensão católica da existência humana transcende a existência material. Diferente dos existencialistas (filosofia existencial), o católico deve entender que sua existência corporal é um prelúdio para a vida eterna. A respeito disso diz o Senhor:

“Se o mundo vos odeia, sabeí que me odiou a mim antes que a vós. Se fôsseis do mundo, o mundo vos amaria como sendo seus. Como, porém, não sois do mundo, mas do mundo vos escolhi, por isso o mundo vos odeia” (Jo 15, 18-19).

Para os materialistas e existencialistas, que descartam a existência do plano espiritual ou reduzem a um mero fenômeno ou produto da existência humana, o ato de existir ocorre mediante o plano corporal apenas, terminando com a morte. Quando muito, eles creem que a morte é superada pelo bem que permanece no coração das gerações humanas – que ainda permanece no campo da existência material. Para muitos materialistas ou existencialistas transcendentais, ou seja, aqueles que creem numa dimensão existencial que vai além da vida, eles não chegam a crer ou compreender a existência de algo divino sob o qual a nossa alma encontra plena realização.

Dáí podemos compreender melhor que, se o homem não domina a sua natureza decaída pelo pecado original, ele deixa de existir e perece. Acontece que *“os desejos da carne se opõem aos do Espírito, e estes aos da carne; pois são contrários uns aos outros” (Gl 5, 17)*. O que é carne não permanece carne, pois toda existência material possui um prazo determinado. *“Porque és pó, e pó te há de tornar” (Gn 3, 19)*. Isto foi dito pelo Senhor, quando o homem experimentou do fruto da desobediência, fato que gerou a desordem no ser humano e trouxe a morte.

Após o pecado original, ficou clara a distinção entre a carne, que possui suas vontades ou paixões que lhe são próprias e a alma, que deseja alcançar a plena realização, que é a bem-aventurança ou felicidade. A primeira é tentada de inúmeras formas neste mundo, e deve ser “educada”, como São Paulo diz: *“Ao contrário, castigo o meu corpo e o mantenho em servidão, de medo de vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros” (1 Cor 9, 27)*. A segunda, a alma, trata-se de uma certeza, mediante a qual a graça concedeu, de alcançar um bem maior daquilo que se merece.

O bem que deve ser buscado até alcançar, é como o prêmio que São Paulo diz. É o amor que obviamente não nasce a partir das inclinações desordenadas do homem, porém da vontade divina.

“O amor divino é, na verdade, o último nascido entre todos os afetos do coração humano; pois, segundo diz o Apóstolo, aparece primeiro o que é animal e só depois o que é espiritual. Este último nascido herda toda a autoridade, e o amor próprio, como um outro Esaú, é destinado ao seu serviço. Não só todos os outros movimentos da alma, como seus irmãos, o adoram e lhe são sujeitos, mas até o entendimento e a vontade, que lhe fazem as vezes de pai e mãe. Tudo está sujeito a este celeste amor, que quer ser sempre ou rei ou nada, não podendo viver sem reinar, nem reinar senão soberanamente” (São Francisco de Sales).

A vontade, portanto, submetida ao amor, governa as outras faculdades, delimitando e distinguindo claramente o modo pelo qual elas operam. Explico.

É sabido que o homem é guiado por suas paixões. Vejamos o exemplo claro do pecado original. Diante da sedução da serpente, a mulher não hesitou em tomar o fruto da árvore que lhe fora proibida por Deus. Sua paixão se inclinou àquilo que era *“bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente”* (Cf. Gn 3, 6).

Nesta passagem do Livro do Gênesis, podemos compreender claramente o que dissemos anteriormente a respeito do materialismo e existencialismo. Quando a serpente diz *“não morrereis”* (Gn 3, 4), enganou a natureza humana, persuadindo-a ou melhor, seduzindo-a. Reduziu o plano da existência humana ao mero caso da existência material. De maneira oposta disse Santo Agostinho: *“ama e faz o que aprouveres”*, ou seja, primeiro, dá-se ao amor indiviso de Deus, depois, toma desta liberdade e faz o que sejas melhor para ti.

É neste ponto que muitos caem no erro, porque o homem só encontra liberdade naquilo que provém de Deus. A graça supera a natureza humana, porque concede ao homem um bem espiritual que está além de suas capacidades naturais.

Nisto, temos uma clara distinção entre os filhos sobrenaturais, gerados por Deus e os filhos das trevas, que deixaram-se seduzir a tal ponto por suas paixões, que apontaram o leme de seus navios à terra, distanciando-se assim de Deus. O amor sagrado é um mistério pelo qual a vontade humana não pode conceber. Contudo, ele pode ser experimentado pelo homem a tal ponto que se torne como um plano de navegação.

Ora, dissemos que a vontade humana é como o leme de um navio que aponta toda a embarcação conforme a diretriz de seu navegador. Este navegador, dissemos que é o amor, ou as paixões. Mas como explicar o caminho que se deseja tomar? De onde surge esta vontade? A respeito disso explicaremos melhor.

Primeiro, devemos saber que o desejo da graça, o desejo do céu, da bem-aventurança, reside em nós, porém não provém de nós. É algo que Deus concebe na alma humana pela graça do Batismo. A este bem, chamamos de amor divino. Ele é um milagre realizado na alma humana sob o qual a vontade humana não pode conceber.

“Isaac, Jacó e José foram filhos sobrenaturais, porque suas mães, Sara, Rebeca e Raquel, sendo estéreis por natureza, os conceberam pela graça da bondade celeste; eis a razão porque foram constituídos senhores de seus irmãos. Da mesma forma, o amor sagrado é um filho milagroso, porque a vontade humana não pode concebê-lo, se o Espírito Santo não o comunica aos nossos corações. Como sobrenatural, deve presidir e reinar sobre todos os outros afetos, inclusive o entendimento e a vontade. Mesmo que haja outros movimentos sobrenaturais na alma, como o temor, a piedade, a fortaleza, a esperança, assim como Esaú e Benjamim foram filhos sobrenaturais de Raquel e de Rebeca, assim o divino amor é o senhor, o herdeiro e o superior, como filho da promessa, visto que em atenção a ele é que o céu foi prometido ao homem” (São Francisco de Sales).

O amor, sendo um fruto da ação do Espírito Santo, concedido pela graça do Sacramento do Batismo e alimentado pelos outros Sacramentos, ele deve presidir e reinar sobre todos os outros afetos, inclinando o homem à vontade divina. São Francisco de Sales diz com clareza

a respeito disso, concluindo que ele (o amor divino) deve dominar inclusive sobre o entendimento e a vontade.

Mas de que forma a vontade humana é protagonista de todas as demais faculdades da alma, sendo subserviente ao amor divino? Isto se deduz com clareza, quando dizemos que a vontade humana deve ser guiada pelo amor divino, ou quando dizemos que devemos cumprir a vontade de Deus. Qual é a vontade de Deus, portanto? Que O amemos!

Nisto podemos aprender que em nossas orações cotidianas, nossas tarefas, os relacionamentos, tudo o que está na dimensão do fazer deve ser inclinado à vontade de Deus. Esta é a aplicação prática quando rezamos “seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu”.

A Fé mostra o caminho da terra prometida. A Esperança sustenta esse desejo de entrarmos nela. A Caridade, entretanto, nos introduz na terra prometida. Devemos lembrar que tais virtudes devem ser constantemente praticadas, caso contrário as negligenciamos.

“A salvação é revelada pela fé, prepara-se pela esperança, mas só é dada à caridade. A fé mostra o caminho da terra prometida, como uma coluna de nuvem e de fogo, isto é, claro-escuro; a esperança sustenta-nos com a suavidade do seu maná; a caridade introduz-nos nela, como a Arca da aliança que nos abre a passagem do Jordão, quer dizer do juízo final, e permanecerá no meio do povo, na pátria celeste, prometida aos verdadeiros Israelitas, na qual nem a coluna da fé é já necessária para nos guiar, nem o maná da esperança para nos sustentar” (São Francisco de Sales).

A caridade, ou santo amor, reside na porção mais elevada do homem, é como uma sarça ardente que queima sem se consumir. Ali, onde o homem “tira as suas sandálias”, ou seja, onde ele se despe de todas as mundanidades e se reveste de algo sagrado, é onde ocorre a conversão. O homem, inflamado por este desejo de amar a Deus sobre todas as coisas, repele tudo aquilo que é incompatível com este amor divino. Ali, o homem faz seus sacrifícios e prova algo que é mais forte que todas as coisas que lhe são conhecidas.

“Põe-me como um selo sobre o teu coração, como um selo sobre os teus braços; porque o amor é forte como a morte, a paixão é violenta como o Sheol. Suas centelhas são centelhas de fogo, uma chama divina” (Ct 8, 6).

Uma última consideração a respeito da fé, da esperança e da caridade. As virtudes residem na alma para animar os seus movimentos, ou seja, a fé liberta o homem da autossuficiência do entendimento, a esperança da vaidade e a caridade da soberba. A fé nos mostra que nenhuma ciência pode superar a inteligência divina, pois a fé é o assentimento da inteligência às verdades reveladas por Deus. A esperança nos afasta das inclinações desordenadas do espírito, sob o qual a vaidade (um vício) impera e a humildade a repele. A caridade, que é a primeira de todas as virtudes, as dirige e modera. É a primeira porque é a mais elevada sob o qual serve de regra e de norma para todas as outras coisas, mas também porque Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança e quer que tudo no homem, com Nele próprio é, seja ordenado pelo amor e para o amor.



Jesus é crucificado entre dois ladrões. Na Cruz, Jesus expressou o amor divino pelo homem.

1º CARTA DE SÃO JOÃO, CAPÍTULO 3

Para melhor compreender o amor divino, leiamos a 1ª carta de São João, capítulo 3.

1. Considerai com que amor nos amou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos de fato. Por isso, o mundo não nos conhece, porque não o conheceu.

2. Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isso se manifestar, sere-mos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é.

3. E todo aquele que nele tem essa esperança torna-se puro, como Ele é puro.

4. Todo aquele que peca transgride a Lei, porque o pecado é transgressão da Lei.

5. Sabeis que (Jesus) apareceu para tirar os pecados, e que nele não há pecado.

6. Todo aquele que permanece nele não peca; e todo o que peca não o viu, nem o conheceu.

7. Filhinhos, ninguém vos seduza: aquele que pratica a justiça é justo, como também (Jesus) é justo.

8. Aquele que peca é do demônio, porque o demônio peca desde o princípio. Eis por que o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do demônio.

9. Todo o que é nascido de Deus não peca, porque o germe divino reside nele; e não pode pecar, porque nasceu de Deus.

10. É nisso que se conhece quais são os filhos de Deus e quais os do demônio: todo o que não pratica a justiça não é de Deus, como também aquele que não ama o seu irmão.

11. Pois esta é a mensagem que tendes ouvido desde o princípio: que nos amemos uns aos outros.

12. Não façamos como Caim, que era do Maligno e matou seu irmão. E por que o matou? Porque as suas obras eram más, e as do seu irmão, justas.

13. Não vos admireis, irmãos, se o mundo vos odeia.

14. Nós sabemos que fomos trasladados da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte.

15. Quem odeia seu irmão é assassino. E sabeis que a vida eterna não permanece em nenhum assassino.

16. Nisto temos conhecido o amor: (Jesus) deu sua vida por nós. Também nós outros devemos dar a nossa vida pelos nossos irmãos.

17. Quem possuir bens deste mundo e vir o seu irmão sofrer necessidade, mas lhe fechar o seu coração, como pode estar nele o amor de Deus?

18. Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas por atos e em verdade.

19. Nisso é que conheceremos se somos da verdade, e tranquilizaremos a nossa consciência diante de Deus, (20.) caso nossa consciência nos censure, pois Deus é maior do que nossa consciência e conhece todas as coisas.

21. Caríssimos, se a nossa consciência nada nos censura, temos confiança diante de Deus, (22.) e tudo o que lhe pedirmos, receberemos dele porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável a seus olhos.

23. Eis o seu mandamento: que creiamos no nome do seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, como ele nos mandou.

24. Quem observa os seus mandamentos permanece em (Deus) e (Deus) nele. É nisto que reconhecemos que ele permanece em nós: pelo Espírito que nos deu.

LIÇÃO PIEDOSA

Responda em seu caderno as questões abaixo:

1. Qual a relação entre a vontade humana e o amor de Deus? Qual é a analogia utilizada para explicar essa relação?

2. Qual é a importância dada ao amor divino na governança das faculdades do espírito humano, segundo São Francisco de Sales?

3. Qual a diferença entre a visão católica da existência humana e a abordagem dos materialistas e existencialistas?

4. Como foi interpretada a passagem do Livro do Gênesis sobre o pecado original e a sedução da serpente? De que forma isso se relaciona com a visão sobre a existência humana?

5. De acordo com o texto da aula, como a vontade humana é guiada pelo amor divino, e como isso se reflete na vida cotidiana?

6. São mencionadas as virtudes da fé, esperança e caridade. Pode explicar como cada uma dessas virtudes é abordada no texto da aula e qual é a função delas na vida espiritual?

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Meu Senhor Jesus Cristo, amabilíssimo Pai de minha alma, eu Vos peço perdão, de todo o meu coração, pelo pouco amor, temor, reverência e obediência que tenho tido por Vós até o presente. Eu Vos peço a graça de amar-Vos e temer-Vos no futuro, com um amor e temor filial e reverencial, com perfeita obediência aos Vossos Mandamentos e inspirações interiores, e a tudo o que meu estado me obriga; e de imitar-vos virilmente em Vossas santas virtudes; e ainda de ser perfeitamente resignado em todas as coisas à Vossa divina vontade e bel-prazer eterno (Opusc., III, 147).

Ave Maria, cheia de Graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.





AULA 12

A PRÁTICA DA CARIDADE EM OBRAS

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Nesta última aula desta apostila, falamos da caridade nas obras, expressão concreta de amor ao próximo. Baseamos nossas reflexões em passagens bíblicas e testemunhos dos Santos, exortando o aluno a demonstrar amor ao próximo por meio de suas ações, especialmente em relação aos parentes, aos pobres, aos inimigos, aos pecadores, aos doentes e às almas do purgatório. A atitude de amor ao próximo é um compromisso prático que vai além das meras palavras e pensamentos e se manifesta concretamente.

HONESTIDADE DAS PALAVRAS E RESPEITO QUE SE DEVE AO PRÓXIMO

“A caridade cobre uma multidão de pecados” (1 Pd 4, 8).



Devemos estar prontos para auxiliar o próximo em todas suas necessidades, pois isto é um dever que temos uns para com os outros. Muitos dizem que amam a Deus, mas não se compadecem do seu próximo, nada fazendo por ele. Em verdade, não amam, pois assim diz São João: “não amemos de palavras nem de língua, mas em obras e em verdade” (1 Jo 3, 18). O amor de Deus e ao próximo, portanto, não se contenta com palavras, mas também em obras.

Desta forma, esta aula irá se ater ao amor ao próximo:

1. Pelos parentes.
2. Para com os pobres.
3. Aos inimigos.
4. Com os pecadores.
5. Com os doentes.
6. Com as almas do purgatório.

DO AMOR AOS PARENTES

Vivendo na família, é exigido um esforço ainda maior na caridade. Se não praticar a caridade para com os teus familiares, muitas faltas te sobrecarregarão e talvez até te condenarás. Quando os tripulantes de uma embarcação se encontram à uma tempestade e veem perecer, só pensam em se ajudarem uns aos outros para assim escapar do naufrágio.

Deus, Nosso Senhor, colocou nossos pais e parentes em um navio, no qual devemos nos amar e nos ajudar mutuamente para escapar da morte eminente.

Quanto aos pais, é dever pensar continuamente sobre os seus deveres para com os filhos que Deus lhes concedeu. O bom ou o mau comportamento dos filhos procede regularmente da boa ou má educação que seus pais ofereceram.

Deus instituiu o matrimônio para que os filhos O sirvam sob a direção de seus pais, como aos superiores de um convento. Sem tal disposição, os filhos ficariam entregues à sorte de si mesmos, e não teriam quem os amasse, recordando dos seus deveres, repreendendo seus defeitos ou até mesmo castigando quando não se quisessem emendar. Pois que os pais são a imagem de Deus aos filhos. A mãe de São Luís, rei da França, de maneira piedosa repetia inúmeras vezes: “Ó meu filho, preferiria ver-te morto a cometeres um pecado mortal”.

O pai de família que quer bem governar a sua casa deve, antes de tudo, cuidar de afastar todo o mal de sua casa e em promover o bem. É de suma importância que um pai:

1. Impeça seus filhos de viver com maus companheiros, corruptos ou que convivam com pessoas de má fama.
2. Afaste da casa todos aqueles que possam ser ocasião de pecado aos seus filhos.
3. Não permita que um filho tenha acesso a leituras ou divertimentos indecentes ou que contenham histórias de namoricos.
4. Retire de sua casa toda imagem inconveniente ou indecente.
5. Proíba severamente seus filhos de tomar parte em divertimentos que oferecem ocasião de pecado.

Depois, o pai de família deve promover o bem:

1. Cuide para que todos os que lhe estão sujeitos peçam a Deus, pela manhã, a graça de não cometer pecado algum durante o dia e que rezem nessa intenção, três “Ave-Maria”, pedindo a intercessão da Virgem.
2. Cuide que os filhos se aproximem dos santos Sacramentos, no tempo conveniente.

DO AMOR PARA COM OS POBRES

Os pobres envergonhados, são aqueles, que em sua condição, necessitam de ter suas vidas preenchidas com o nosso dever de dar esmolas. É preciso distinguir: se o pobre se acha em extrema necessidade, estamos obrigados a socorrê-lo com os bens que não são de absoluta

necessidade para o sustento da nossa vida ou família. Devemos socorrê-lo com os bens que não precisamos para a manutenção conveniente da nossa posição.

O arcanjo Rafael disse a Tobias: “A esmola livra da morte, purifica dos pecados e faz achar misericórdia na vida eterna” (Tb 12, 9).

Se nada podemos fazer pelo nosso próximo, então, empenhemo-nos em recomendá-lo a Deus e rezar ao menos uma Ave-Maria por sua alma, o que é também uma esmola.

Por esmola, o leitor entenda que não se trata apenas de uma quantia de dinheiro ou de algum bem, mas de todo auxílio que se presta ao próximo.

“Aquele que, tendo riquezas deste mundo, vir seu irmão em necessidade e lhe fechar as suas entranhas, como poderá permanecer nele a caridade?” (1 Jo 3, 17).

DO AMOR PARA COM OS INIMIGOS

Exercite a caridade com quem não gostas. Um cristão deve desejar e praticar o bem àqueles que o odeiam e lhes fazem mal. É condenável aquele que pratica as orações mentais, comunga e nutre em seu coração algum ódio contra o outro.

É importante saber que o inimigo não deve receber as honras ou prestígios, contudo, também não deve ser desprestigiado, ou seja, quando lhe encontra, não o saúda, volta-lhe as costas quando o outro lhe dirige a palavra. Com que vistas contemplará o Cordeiro de Deus a um homem tão hostil?

A pobre alma que tolera o ódio em seu coração sofrerá um duplo inferno: neste mundo convivendo com os homens cujas vistas não podem suportar e na eternidade, em pena de seu ódio.

“Mas esse tal fulano é por demais imprudente, insensato e insolente. É impossível suportá-lo!”

Santo Afonso Maria de Ligório responde: “É exatamente nisso que consiste o amor do próximo – suportar com todas as forças aquilo que parece intolerável”. E se não tem forças, peça-as a Deus e te dará. “Se, pois, vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais o vosso Pai celestial dará o Espírito Santo aos que lho pedirem” (Lc 11, 13).

E quem é o inimigo que sou obrigado a suportar? Aquele que te desprestigia, que frustra teus planos, que rouba teu bom nome! Faze o bem e não o mal. Faze como nada soubesses; esforça-te para não lhe mostrar a mínima indiferença; recebe de teu inimigo a inimizade? Pois bem, o que podes ser dele senão um amigo, assim como Cristo é de ti, que és inimigo dele em tuas misérias? Conversa amigavelmente com ele em toda ocasião e se ele se mostrar frio, cumprimenta-o e procura ganhá-lo pela mansidão.

Não te rebaixarás se fizerdes isso. Muito pelo contrário, te elevarás, porque fazer não por motivo natural ou secular, mas de maneira sobrenatural e para agradar a Deus.

Em que consiste a vingança dos Santos?

São Paulino: “Consiste em amar, louvar e cumular de benefícios quem te fez mal”.

Santa Catarina de Sena vingou-se de uma mulher que tinha atacado sua honra, prestando-lhe serviços de criada, durante uma longa enfermidade que a cometeu.

Santo Acácio vendeu seus bens para sustentar aquele que o havia privado de sua boa reputação.

Santo Ambrósio concedeu a um sicário (matador de aluguel), que atentaria contra a sua vida, uma pensão, com a qual podia comodamente viver.

São Sabino teve as mãos cortadas por Venustiano, depois de ter destruído um ídolo, ao invés de adorá-lo. Pois bem o iníquo governador foi atacado por agudas dores nos olhos e implorou o auxílio do Santo. São Sabino orou por ele e alcançou a saúde do corpo e da alma, que incorreu na conversão. Este Santo perdeu as mãos por amor de seu inimigo.

Muitos sucumbem por não abrir mão da sua vaidade e orgulho, não fazendo o bem àqueles que o odeiam. Se nada podes fazer por aqueles que te perseguem e caluniam, ora por eles, segundo a recomendação do Santíssimo Salvador.

Santa Isabel da Hungria ouviu de Nosso Senhor: “Fica sabendo que nunca fizeste uma oração que mais me agradasse do que essa e, por isso, perdoo-te todos os teus pecados”.

Segue o exemplo desta Santa e conquistarás o amor e o perdão de teu divino Esposo.

DO AMOR PARA COM OS PECADORES

Saiba que é prova incontestável de amor o desejo pelo bem espiritual do próximo. Diz Santo Agostinho: “Se amas em verdade a Deus, empregarás, certamente, todos os meios para ganhares teu próximo para o amor de Deus; quem converte um pecador, não só o salva, como também salva a si mesmo”; “Se salvaste uma alma, predestinaste a tua própria”. Os que trabalham na salvação das almas ouvirão, na hora da morte, o próprio Deus anunciar-lhes o descanso eterno: “De hoje em diante, que descansem de seus trabalhos, pois suas obras os seguirão” (Ap 14, 13).

É feliz aquele que trabalha na conversão dos pecadores. Regozija-se por um indício seguro de sua própria predestinação e de que seu nome está escrito no livro da vida (cf. Fl 4, 3).

Do dever de repreender, caso seja um superior: a caridade exige que o faças. Não deves, no entanto, fechar o coração àqueles que carecem de instrução, pois em sua pobreza, necessitam de algo mais elevado. Aquele que vê o próximo lançar-se no precipício, e não o repreende, merece maior castigo por seu silêncio que o outro por injúria.

Nosso Senhor disse para Santa Madalena de Pazzi: “Vê, Madalena, quantos cristãos se encontram nas mãos do demônio; se meus eleitos não os libertarem por suas orações, tornar-se-ão sua presa para todo o sempre”.

DO AMOR PARA COM OS DOENTES

Devemos cuidar de especial afeto e modo aqueles que estão doentes. É mais meritório tratar daqueles que sofrem enfermidades do que servir aos sãos, pois se encontram abandonados, atormentados, inquietos e lançados à sorte. Sem dúvida, é obra mui agradável consolar e socorrer em tal estado de aflição. Aquele que cuida do doente, sofre e suporta, por amor, as injúrias, o ar impuro, o desalinho dos quartos, etc.

Santo Afonso Maria de Ligório diz que é mais meritório tratar de teu irmão que cuidar de tuas devoções. Isto ocorre porque a alma que assim o faz, devota de uma grande humildade e paciência, cuidando até dos mais miseráveis.

Repele de ti o pensamento de que tal pessoa não está doente quanto parece, ou que tal doença é frescura! Não há nada mais desprezível que um espírito orgulhoso julgando a fraqueza do próximo. Cuida para que o teu próximo alcance o vigor do corpo e do espírito.

Por fim, cuide para que o doente receba as orações necessárias para a sua condição e, especialmente os Sacramentos.

DO AMOR PARA COM AS ALMAS DO PURGATÓRIO

Santo Tomás afirma que as penas do purgatório excedem todas as penas imagináveis desta vida. Por isso, a caridade nos exige que socorramos o nosso próximo, quando necessita de auxílio. Eis como as almas do purgatório se encontram: sedentas de nossas orações e súplicas. Por isso, é necessário socorrê-las com todos os meios possíveis que temos, inclusive aos que a Igreja concede, como as indulgências, especialmente na ocasião da memória dos fiéis defuntos (2 de novembro). Essas almas se encontram em maior necessidade que nossos irmãos vivos e, por isso, temos maior obrigação de auxiliá-las.

Um enorme bem que podemos fazer por essas almas é assistirmos a Santa Missa em favor delas e pedindo por elas ao Eterno Pai, oferecendo-lhes os merecimentos de Jesus Cristo, dizendo:

“Pai Eterno, eu Vos ofereço este Santo Sacrifício do Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, juntamente com todas as dores que teve de suportar durante Sua vida e morte. Pelos merecimentos de Sua Paixão, recomendo-Vos as almas do Purgatório, em especial a de ...”

Procuremos aplicar às almas o maior número de indulgências. Não se detenhas em satisfazer a si próprio com tais indulgências. Não temais a tal ponto. Santa Gertrudes, em seu leito de morte, mostrava-se triste, pensando que nada tinha feito por sua alma, pois aplicava-se o bem às almas do purgatório. Disse-lhe Jesus: *“Não temas, Gertrudes, pois aceitei com tanto gosto o teu amor para com as almas, que serás preservada do purgatório depois de tua morte, e até te farei acompanhar ao céu por minhas amadas esposas que livraste do purgatório por tuas orações”.*

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Repita três vezes a oração, com fervor e súplica:

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não Vos amam.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.





AULA 16

O DESAPEGO DE SI MESMO

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: O desprendimento necessário de si mesmo e da própria vontade busca alcançar a união perfeita com Deus. Por isso, é necessário deixar o apego aos bens terrenos e buscar a união com Cristo, priorizando a vontade divina sobre a própria. A segunda parte da história de Esaú e Jacó, narrada por São Luís Maria Grignon de Montfort, nos mostra a conduta dos predestinados, que imitam a submissão e devoção de Jacó à sua mãe Rebeca, como devemos fazer com a Santíssima Virgem Maria. Por fim, é contada a história de São Francisco e Frei Masseo, exemplificando a obediência total à vontade de Deus, mesmo quando parecer incompreensível aos olhos humanos, demonstrando que a verdadeira humildade e sabedoria são reveladas na aceitação dos desígnios divinos.

O DESPRENDIMENTO MAIS IMPORTANTE E NECESSÁRIO É O DE SI MESMO, DA PRÓPRIA VONTADE

“Se alguém quer seguir-me, abnegue-se a si mesmo” (Mt 16, 24).

Quem sabe vencer-se a si mesmo, certamente vencerá todas as outras dificuldades. Muitos querem chegar à união perfeita com Deus, mas não querem suportar as adversidades que Nosso Senhor lhes envia: são pobres mas não querem sofrer a pobreza, são caluniados mas não querem sofrer as calúnias, são flagelados mas querem fugir dos flagelos. Para se chegar à perfeita união com Deus, diz-nos Santa Catarina de Gênova, “deve-se passar por tribulações. Estas são o meio de que Deus se serve para nos purificar de todas as más inclinações. As injúrias, o desprezo, as doenças, a pobreza, as tentações, as contrariedades nos são enviadas só para que tenhamos bastantes ocasiões de combater e subjugar as nossas paixões, de tal forma que desapareçam por inteiro. Não basta as adversidades nos parecerem menos desagradáveis, é preciso que o amor divino no-las torne doces e desejáveis para chegarmos à perfeita união com Deus”.

Quem ama verdadeiramente a Jesus, expelle de seu coração todo o apego aos bens terrenos e procura desprender-se de tudo para unir-se mais perfeitamente com seu Salvador.

Todos os seus desejos só têm a Jesus por objeto, sempre pensa n'Ele, sempre suspira por Ele, em todo o lugar e ocasião só a Jesus deseja agradar.

Para alcançar tamanha perfeição da alma, ou tamanho edifício espiritual, deve-se expulsar do coração toda a afeição que não tende para Deus.

E o que deve ser feito?

Primeiro, evita tudo o que desagrade a Nosso Senhor e faz-Lhe tudo o que é agradável. Segundo, aceita, em santo abandono, tudo o que a Santa Mão de Deus enviar, por mais duro e incômodo que seja. Terceiro, prefere, em todas as coisas, a vontade de Deus e não a própria. Dessa forma, sacrifique-se inteiramente e sem reserva a seu Deus e Senhor.

A FIGURA DOS PREDESTINADOS

Continuação da história de Esaú e Jacó, narrada por São Luís Maria Grignon de Montfort.

Jacó, o caçula, era de compleição franzina, meigo e sossegado. Permanecia em casa o mais possível, para ganhar as graças de sua Mãe Rebeca, que o amava ternamente. Se saía de casa, não o fazia por vontade própria, nem por confiança em sua própria habilidade, mas para obedecer a sua mãe.

Amava e honrava sua mãe: por isso ficava em casa junto dela. Seu maior contentamento era vê-la; evitava tudo que pudesse desagradar-lhe e fazia tudo que imaginava agradar-lhe. Tudo isso concorria para aumentar em Rebeca o amor que dedicava ao filho.

Em todas as coisas ele era submisso a sua mãe, obedecia-lhe inteiramente em tudo, com obediência pronta, sem tardanças, e amorosa, sem queixas; ao menor sinal da vontade materna, o pequeno Jacó corria e trabalhava. Acreditava piamente, sem discutir, em tudo que a mãe lhe dizia: por exemplo, quando Rebeca o mandou buscar os dois cabritos, e ele os trouxe a fim de ela os preparar para Isaac, Jacó não replicou nem observou que bastava um para satisfazer o apetite de um só homem, mas, sem discernir, fez exatamente como ela mandou.

Ele depositava uma confiança sem limites em sua querida mãe; como não contava absolutamente com sua própria experiência, apoiava-se unicamente na proteção e nos desvelos maternos. Chamava por ela em todas as suas necessidades e consultava-a em todas as suas dúvidas: por exemplo, quando lhe perguntou se, em vez da bênção, não receberia a maldição de seu pai, creu e confiou na resposta que ela lhe deu de que tomaria sobre si a maldição.

Ele imitava, enfim, na medida de sua capacidade, as virtudes que via em sua mãe; e parece que uma das razões por que ele permanecia em casa, tão sedentário, é que procurava imitar sua virtuosa mãe, e afastar-se de más companhias, que corrompem os costumes. Por tal motivo tornou-se digno de receber a dupla bênção de seu querido pai.

Eis também a conduta diária dos predestinados: Vivem em casa, sedentariamente, com sua mãe, quer dizer, amam o recolhimento, são interiores, e se aplicam à oração, mas conforme o exemplo e a companhia de sua Mãe, a Santíssima Virgem, cuja glória está toda

no interior e que, durante a vida inteira, tanto amou o retiro e a oração. É verdade que aparecem às vezes fora, no mundo; fazem-no, porém, em obediência à vontade de Deus e de sua querida Mãe, para cumprir os deveres de seu estado.

Por grandes coisas que façam no exterior e que apareçam, preferem muito mais as que se fazem no interior, em companhia da Santíssima Virgem, porque aí executam a grande obra de sua perfeição, ao lado da qual todas as outras são como brinquedos de criança. Por isso, enquanto seus irmãos e irmãs trabalham muitas vezes para o exterior com mais entusiasmo, habilidade e sucesso, recebendo os louros e aprovações do mundo, eles sabem, pela luz do Espírito Santo, que há muito mais glória, bem e prazer em permanecer oculto no reconhecimento com Jesus Cristo, seu modelo, numa submissão inteira e perfeita a sua Mãe, do que em realizar, por si próprio, maravilhas naturais e da graça no mundo, como tantos Esaús e réprobos. *“Gloria et divitiae in domo eius”* Sl 111, 3) – a glória para Deus e as riquezas para os homens encontram-se na casa de Maria.

Eles amam ternamente e honram em verdade a Santíssima Virgem, como sua boa Mãe e Senhora. Amam-na não só com a boca, mas verdadeiramente; honram-na não só no exterior, mas no fundo do coração; evitam, como Jacó, tudo o que pode desagradar-lhe, e praticam com fervor tudo que crêem poder adquirir-lhes sua benevolência. Trazem-lhe e lhe entregam não só dois cabritos como Jacó a Rebeca, mas seu corpo e sua alma, com tudo que do corpo e da alma depende, de que são figura os dois cabritos de Jacó, primeiro para que ele os receba como um dom que lhe pertence; segundo, para que os sacrifique e faça morrer ao pecado e a si próprios, escorchando-os e despojando-os da própria pele de seu amor-próprio, e para agradar, por este meio, a Jesus, seu filho, que não quer para amigos e discípulos, senão aqueles que estiverem mortos a si mesmos; terceiro, para que os prepare ao gosto do Pai Celeste, e para servir à sua maior glória, que ela conhece melhor que nenhuma outra criatura; quarto, para que, por seus cuidados e intercessões, este corpo e esta alma, purificados de toda mancha, bem mortos, bem despojados e bem preparados, sejam um manjar delicado, digno do paladar e da bênção do Pai Celeste. Não é o que farão as pessoas predestinadas, que apreciarão e praticarão a consagração perfeita a Jesus Cristo pelas mãos de Maria, como lhes ensinamos, para testemunhar a Jesus e Maria um amor efetivo e corajoso?

Os réprobos dizem que amam a Jesus, que honram Maria, mas não com sua substância, com os seus haveres, ao ponto de lhes sacrificar seu corpo com os sentidos, sua alma com todas as paixões, como fazem os predestinados.

Eles são submissos e obedientes à Santíssima Virgem, como a sua boa Mãe a exemplo de Jesus Cristo, que, dos trinta e três anos que viveu sobre a terra, dedicou trinta a glorificar a Deus seu Pai, por uma perfeita e inteira submissão a sua Mãe Santíssima. A ela obedecem, seguindo com exatidão os seus conselhos, como o pequeno Jacó seguia os de sua mãe, que lhe diz: *“Acquiesce consiliis meis”* (Gn 27, 8) – Meu filho, segue meus conselhos; aos quais a Santíssima Virgem diz: *“Quodcumque dixerit vobis facite”* – Fazei tudo o que ele vos disser (Jo 2, 5). Por ter obedecido a sua mãe, Jacó recebeu a bênção, como por milagre, embora por direito natural não devesse recebê-la; porque os servos nas bodas de Caná seguiram o conselho da Santíssima Virgem, foram honrados com o primeiro milagre de Jesus Cristo, que nessa ocasião, a pedido de sua Mãe, converteu a água em vinho. Assim, todos aqueles que até ao

126 | Ensino Religioso

fim dos séculos receberem a bênção do Pai celeste, e forem honrados com as maravilhas de Deus, só receberão estas graças em consequência de sua perfeita obediência a Maria; os “Esaús”, ao contrário, perderão sua bênção, por falta de submissão à Santíssima Virgem.

Os predestinados têm uma grande confiança na bondade e no poder da Santíssima Virgem; reclamam sem cessar o seu socorro; olham-na como a estrela polar guiando-os a seguro porto; comunicam-lhe, com o coração aberto, suas penas e suas necessidades; acolhem-se à sua misericórdia e doçura para, por sua intercessão, alcançar o perdão de seus pecados, ou para gozar de seus maternais carinhos em suas aflições e contrariedades. Atiram-se até, escondem-se e se perdem dum modo admirável em seu regaço amoroso e virginal, para aí ficarem abrasados de amor, para aí se purificarem das menores manchas, e para aí encontrarem plenamente a Jesus, que aí reside como no mais glorioso dos tronos. Oh! que felicidade! “Não creais, diz o abade Guerrico, que seja maior felicidade habitar o seio de Abraão que o seio de Maria, pois neste colocou o Senhor o seu trono.

Os réprobos, ao contrário, põem toda a confiança em si próprios, só comem, como o filho pródigo, o que comem os porcos; como vermes, só se alimentam de terra; e porque amam somente as coisas visíveis e passageiras, como os mundanos, não apreciam as doçuras e suavidades do seio de Maria. Não sentem aquele apoio e aquela confiança que os predestinados sentem pela Santíssima Virgem, sua boa Mãe. Amam miseravelmente sua fome exterior, como diz São Gregório, porque não querem provar a suavidade que está preparada no próprio íntimo deles e no íntimo de Jesus e de Maria.

Finalmente, os predestinados mantêm-se nos caminhos da Santíssima Virgem, isto é, imitam-na, e nisto eles são verdadeiramente felizes e devotos, trazendo assim o sinal infalível de sua predestinação. Esta boa Mãe lhes diz: *“Beati qui custodiunt vias meas”* (Prov 8, 32) – Bem-aventurados os que praticam minhas virtudes, e caminham sobre as pegadas de minha vida, com o socorro da divina graça. Eles são felizes neste mundo, durante sua vida, devido à abundância de graças e de doçuras que eu lhes comunico de minha plenitude e com muito mais abundância que aos outros que não me imitam tão esforçadamente; eles são felizes em sua morte, que é doce e tranquila, e na qual eu os assisto, para os conduzir às alegrias da eternidade; serão finalmente, felizes na eternidade, porque jamais se perdeu algum dos meus servos, que durante a vida tenha imitado fielmente as minhas virtudes.

Os réprobos, ao contrário, são infelizes durante a vida, em sua morte e na eternidade, porque não imitam a Santíssima Virgem em suas virtudes, contentando-se com pertencer a alguma de suas confrarias, com recitar uma ou outra oração em sua honra ou fazer qualquer devoção exterior.

COMO SÃO FRANCISCO FEZ FREI MASSEO GIRAR EM TORNO DE SI MESMO, E DEPOIS FOI A SENA

Andando um dia São Francisco pelo caminho com Frei Masseo, o dito Frei Masseo ia um pouco na frente; e chegando a um lugar em que o caminho se dividia em três, pois se podia ir a Florença, a Sena e a Arezzo, Frei Masseo disse: “Pai, por que caminho devemos

ir?”. Respondeu São Francisco: “Por aquele que Deus quiser”. Disse Frei Masseo: “E como poderemos nós saber a vontade de Deus?”. Respondeu São Francisco: “Pelo sinal que eu te mostrarei; por isso eu te mando, pelo mérito da santa obediência, que nesta encruzilhada, no lugar em que tens os pés, te gires em roda, em roda, como fazem as crianças, e não pares de te girar se eu não te disser”.



Então Frei Masseo começou a dar voltas; e tanto se virou que teve uma vertigem da cabeça, que costuma ser produzida por esse giro, e caiu diversas vezes no chão; mas como São Francisco não dizia para parar, e ele queria obedecer fielmente, levantava-se. No fim, quando estava girando forte, São Francisco disse: “Pára, e não te mexas”. E ele parou; e São Francisco perguntou: “Para que lado tens o rosto?”. Respondeu Frei Masseo: “Para Sena”. Disse São Francisco: “Esse é o caminho pelo qual Deus quer que nós vamos”.

Indo por aquele caminho, Frei Masseo se admirou fortemente do que São Francisco o tinha feito fazer, como criança, diante de seculares que passavam. Mas por reverência não ousava dizer nada ao pai santo.

Aproximando-se de Sena, o povo da cidade ouviu que o santo vinha chegando, foi ao seu encontro e, por devoção, levaram a ele e ao seu companheiro até a casa do bispo, de modo que nem tocou o chão com os pés. Naquela hora alguns homens de Sena estavam combatendo entre si, e dois deles já tinham morrido. Lá chegando, São Francisco pregou-lhes tão devota e tão santamente que os reconduziu todos juntos à paz, humildade e grande concórdia. Por essa razão, ouvindo o bispo de Sena falar sobre aquela operação que São Francisco tinha feito, convidou-o para sua casa. E o recebeu com a maior honra naquele dia

e naquela noite. Na manhã seguinte, São Francisco, verdadeiro humilde, que em suas ações não buscava senão a glória de Deus, levantou-se bem cedo com o seu companheiro e foi embora sem que o bispo soubesse. Por isso Frei Masseo ia murmurando consigo mesmo pelo caminho, dizendo: “Que é que fez este bom homem? Me fez girar como uma criança e, para o bispo, que lhe fez tanta honra, nem disse uma boa palavra nem lhe agradeceu”.

E assim parecia a Frei Masseo que São Francisco se tinha portado muito indiscretamente. Mas depois, por divina inspiração, voltando a si mesmo e se repreendendo, disse em seu coração: “Frei Masseo, tu és muito soberbo, pois julgas as obras divinas, e és digno do inferno pela tua indiscreta soberba: pois no dia de ontem Frei Francisco fez coisas tão santas, que se fossem feitas pelo Anjo de Deus, não teriam sido mais maravilhosas. Por isso, se te mandasse que lhe jogasses pedras, deverias fazê-lo e obedecer-lhe, porque o que ele fez neste caminho procedeu de uma operação divina, como o demonstra o bom fim a que chegou; pois se ele não tivesse pacificado os que combatiam, teriam sido mortos à faca, e o diabo ainda teria levado muitas almas para o inferno. E então tu és muito estulto e soberbo, pois murmuras do que procede manifestamente da vontade de Deus”.

E todas essas coisas que Frei Masseo dizia em seu coração, caminhando na frente, foram reveladas por Deus a São Francisco. Então São Francisco se aproximou e lhe disse assim: “Que fiques agora com aquelas coisas que pensas, pois elas são boas, úteis e inspiradas por Deus. Mas a primeira murmuração que estavas fazendo era cega, vã e soberba, e te foi posta na cabeça pelo demônio”.

Então Frei Masseo percebeu claramente que São Francisco sabia os segredos de seu coração, e compreendeu com certeza que o espírito da divina Sabedoria dirigia o pai santo em todos os seus atos. Para louvor de Jesus Cristo e do pobrezinho Francisco. Amém.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Senhor Jesus, quão amáveis são vossos tabernáculos! O pardal encontrou uma casa para se alojar, e a rola, um ninho, onde abrigar seus filhotes. Oh! como é feliz o homem que mora na casa de Maria, na qual fizestes, primeiro, a vossa morada! É nesta casa de predestinados que ele de vós somente pede socorro, e em seu coração dispôs subidas e degraus de todas as virtudes, para elevar-se à perfeição neste vale de lágrimas. *“Quam dilecta tabernacula...”* (Sl 83).

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.





AULA 19

A GUARDA DO CORAÇÃO

Orações iniciais, descritas conforme no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: *É dever de todo católico vigiar constantemente os afetos desordenados que nascem no coração. Diante disso, os relacionamentos culminam em três tipos de amizades: as santas, que são edificantes e espirituais; as puramente naturais, que são fundamentadas em laços naturais e familiares; e as perigosas, que têm origem em afeições sensuais e podem levar ao pecado. Por isso, é necessário evitar quaisquer relações perigosas, especialmente aquelas baseadas na complacência sensual. Propomos medidas práticas para manter o coração puro, como evitar ocasiões de pecado, romper decisivamente com afeições desordenadas, e manter uma vigilância contínua sobre pensamentos e intenções.*

É A CASTIDADE UM EXAME CONTÍNUO SOBRE OS AFETOS DESORDENADOS QUE NASCEM NO CORAÇÃO



modéstia dos olhos pouco nos servirá se não vigiarmos sobre o nosso coração! “*Aplica-te com todo o cuidado possível à guarda de teu coração, porque é dele que procede a vida*” (Pr 4, 27). É aqui o lugar apropriado para se dizer algumas palavras sobre as amizades e, primeiramente, sobre as santas, depois sobre as puramente naturais e, enfim, sobre as perigosas.

AS SANTAS AMIZADES

Descrevendo São Paulo sobre a corrupção moral dos gentios, enumerava, entre seus vícios, a falta de sentimentos e de susceptibilidade para a amizade.

A amizade, segundo Santo Tomás, é mesmo uma virtude. “*A perfeição não proíbe se entretenham em amizades*”, diz São Francisco de Sales; “*exige somente que sejam santas e edificantes, a saber, só devem ser mantidas aquelas uniões espirituais por meio das quais duas, três ou mais pessoas comunicam entre si seus exercícios de devoção, seus desejos piedosos e sentimentos nobres, tornando-se como que um só coração e uma só alma para a glória de Deus e o bem espiritual próprio ou alheio*”. Com toda a razão podem tais almas exclamar: “*Vede quão bom e suave é habitar em união*” (Sl 132, 1).

São Francisco de Sales diz que, em tal caso, o suave bálsamo da piedade destila de coração em coração, por meio dessas mútuas comunicações, e bem se pode dizer que Deus lança Sua bênção sobre tais amizades por toda a eternidade. Tais amizades são recomendadas pela Escritura mesma em termos eloquentes: *“Nada se pode comparar com um amigo fiel e o valor do ouro e da prata não iguala a bondade de sua fidelidade”* (Eclo 6, 10). *“Um amigo fiel é um remédio para a vida e a imortalidade, e os que temem o Senhor encontram um tal”* (idem). Mas como podeis aconselhar as amizades particulares, quando elas são tão rigorosamente condenadas por todos os ascetas?

Respondo: As amizades particulares são proibidas unicamente nos claustros e com toda a razão, pois é imperiosamente necessário que todos os religiosos se amem mutuamente com amor fraterno, para que haja uma vida comum clausural. Ora, num claustro, as amizades particulares podem facilmente ocasionar perturbações dessa mútua caridade, dando ocasião a invejas, suspeitas e outras misérias humanas. São Basílio não hesitou em dizer que as amizades particulares em um convento são uma sementeira perpétua de invejas, de suspeitas, de desconfianças e inimizades. O mesmo acontece nas famílias em que o pai ou a mãe tem mais carinhos para um filho que para os outros. Os filhos de Jacó odiavam a seu irmão José, porque seu pai lhe dedicava um amor especial.

Não há, além disso, nenhum motivo de se alimentar tais amizades num estado religioso, pois, num convento, onde reinam a disciplina e a ordem, todos os membros tendem ao mesmo fim, à perfeição, e não é necessário travar amizades particulares para animar-se mutuamente ao serviço de Deus e ao trabalho do aperfeiçoamento próprio.

Os que, vivendo no mundo, desejam dedicar-se à prática da virtude verdadeira e sólida, precisam, pelo contrário, de se unir aos outros por uma amizade santa e edificante, para poderem, por meio dela, se animarem, se auxiliarem e se estimularem ao bem. Há no mundo poucas pessoas que tendem à perfeição e muitas que não possuem o Espírito de Deus e, por isso, é preciso que os bons, quanto possível, evitem os que podem impedir seu adiantamento espiritual e travem amizade com os que os podem auxiliar na prática do bem.

AS AMIZADES PURAMENTE NATURAIS

Quanto às amizades puramente naturais, deve-se dizer que elas têm seu fundamento na nossa natureza, que nos compele a amar a nossos pais, nossos benfeitores e todos aqueles em quem vemos belas qualidades e com quem simpatizamos. Esta espécie de amizade é o laço da família e da sociedade, mas facilmente degenera em amizades falsas; por exemplo, se os pais, por um carinho demasiado, toleram as faltas de seus filhos, ou se um amigo ofende a Deus para agradar a seu amigo, etc. Quanto à essas amizades, devemos notar que só são agradáveis a Deus, se as santificarmos por meio da boa intenção; por exemplo, amando a nossos pais e amigos por amor de Deus.

AS AMIZADES PERIGOSAS

Por amizades perigosas entende-se, em particular — as sensuais — isto é, aquelas que se baseiam sobre uma complacência sensual, sobre a fruição comum de prazeres sensuais, sobre certos dotes fúteis e vãos de espírito e coração. Essas amizades são já por si perigosas, mesmo que, no começo, nada tenham de inconveniente, e devemos guardar nosso coração desembaraçado, delas.

I. *“Quem não evita relações perigosas, cai facilmente no abismo”*, diz Santo Agostinho. O triste exemplo de Salomão bastaria para nos encher de terror. Depois de ter sido amado tanto por Deus, servindo ao Espírito Santo de mão para escrever, travou relações com mulheres pagãs, já na sua velhice, e caiu tão profundamente que chegou a sacrificar aos deuses. Isso, porém, não nos deve estranhar, pois, *“será para admirar que alguém se queime”*, pergunta São Cipriano, *“permanecendo no meio das chamas?”*.

Mas em nossas conversas, graças a Deus, não ocorre nada de mal, dirá alguém. Respondo: Todas as amizades que têm sua origem em afeições sensuais são, pelo menos, um grande impedimento à perfeição, mesmo que dessem ocasião a outras coisas. Elas, pelo menos, fazem-nos perder o espírito da oração e recolhimento interior; a alma que está presa por uma afeição natural achar-se-á corporalmente, talvez, na igreja, mas seu espírito estará se entretendo com o objeto de seu amor; perderá o amor aos Santíssimos Sacramentos, não será mais sincera para com seu confessor, temendo que ele a obrigue a romper com essa cadeia e, envergonhando-se de lhe descobrir sua afeição, não lhe dirá a causa de sua tibieza, e assim se agrava, de dia para dia, seu estado lastimoso. Ao ouvir que se fala mal da pessoa amada, se enfurece, defende-a calorosamente; descuida-se da obediência, pois, quando o confessor a exorta a renunciar a tal amizade, procura mil desculpas para não ter de obedecer.

Não é só grande a perda espiritual que se sofre com essas amizades baseadas sobre certos dotes externos duma pessoa, principalmente se for doutro sexo; é também enorme o perigo que se corre de se perder eternamente. No começo, tais amizades parecem indiferentes, mas tornam-se pouco a pouco pecaminosas e, enfim, arrastam a alma ao pecado mortal.

“O homem e a mulher são como o fogo e a palha”, diz São Jerônimo, *“e o demônio não cessa de soprar até irromper o incêndio”*. Pessoas de diferentes sexos abraçam-se por causa de grande familiaridade com a mesma facilidade como a palha atingida pelo fogo, e, em certo ponto, até com maior facilidade, porque o demônio emprega tudo quanto é apto para atizar o fogo. Santa Teresa viu-se um dia transportada ao inferno, onde Deus lhe mostrou o lugar que lhe preparara, se não rompesse com um certo apego puramente natural a um seu parente.

II. Se sentires em teu coração, alma cristã, uma tal afeição para com alguém, não há outro remédio para te libertares dela que cortá-la resolutamente de uma vez para sempre, pois, se quiseses renunciá-la pouco a pouco, crê-me, nunca chegarás a desfazer-te dela. Essas cadeias são difícilísimas de se romper e só o conseguirá quem as quebrar violentamente, duma só vez. E não venhas com a desculpa de que, até agora, nada ocorreu de inconveniente, pois debes saber que o demônio não começa com o pior, mas só pouco a pouco leva as almas imprudentes às bordas do precipício e, então, com um leve empurrão, precipita-as no abismo.

É uma máxima aceita por todos os mestres da vida espiritual de que, neste ponto, não há outro remédio que fugir e afastar-se da ocasião. São Filipe Néri costumava dizer que, nesse combate, só os covardes saem vencedores, isto é, os que fogem da ocasião. Podemos resistir aos outros vícios ficando na ocasião, diz Santo Tomás, fazendo violência contra nós mesmos; só poderemos vencer, porém, o vício contrário à pureza, fugindo da ocasião e renunciando às afeições perigosas.

Se sentires, porém, teu coração livre e desembaraçado de tais afeições, toma todo o cuidado possível para não te emaranhares em qualquer laço, como já se tem dado com outros em razão de sua negligência. Eis o conselho que te dá São Jerônimo: *“Se, no trato com alguém, notares que alguma afeição desregrada se quer apoderar de teu coração, apressa-te em sufocá-la antes de se tornar um gigante. Enquanto o leão é ainda pequeno, pode ser facilmente trucidado; uma vez crescido, tornar-se-á mui difícil e humanamente impossível”*.

Coisa verdadeiramente lamentável e vergonhosa seria se permitisses que fizessem, em tua presença, gracejos indecentes. Não julgues que não pecas calando-te e simplesmente ouvindo tais gracejos; se não evitares o mais depressa possível a companhia de um homem tão insolente, já cooperaste com o pecado e te fizeste réu dele. Se receberes de alguém uma carta com palavras amorosas, rasga-a imediatamente ou lança-a no fogo e não lhe dês resposta. Se, por motivo grave, tiveres de responder, faze-o então em poucas e sérias palavras, e não dês a entender que notaste as tais palavras e muito menos que achaste nelas prazer.

III. Não repliques também que não há perigo, porque a pessoa de que se trata é piedosa. Santo Tomás de Aquino diz: *“Quanto mais santas são as pessoas pelas quais sentimos afeição particular, tanto mais devemos nos acautelar, porque o alto preço que fazemos de sua virtude mais nos excita ainda a amá-las”*. O Pe. Sertório Caputo, da Companhia de Jesus, diz: *“O demônio, a princípio, nos inspira o amor à virtude daquela pessoa, depois o amor à própria pessoa, e, finalmente, nos lança na perdição”*.

O doutor angélico faz notar que o demônio sabe perfeitamente esconder um tal perigo: no começo não dispara seta alguma que pareça envenenada, mas só tais que excitem a afeição, ocasionando leves ferimentos do coração; em seguida, quando o amor já está aceso, essas pessoas já se não tratam mais como anjos, mas como homens de carne e sangue: trocam repetidos olhares e palavras amorosas, desejam estar muitas vezes a sós, juntas e, por fim, a piedade espiritual degenera em amor carnal.

IV. São Boaventura indica cinco sinais, dos quais se pode deduzir se a afeição que a alguém nos prende é pura ou não.

– Primeiro, se se entretêm conversas inúteis; inúteis são todas as que levam muito tempo.

– Segundo, se ocorrem olhares e louvores mútuos.

– Terceiro, se se desculpam as faltas reciprocamente.

– Quarto, se aparecem pequeninos ciúmes.

– Quinto, se a separação de um causa certa inquietação.

Santo Afonso Maria de Ligório ajunta ainda:

– Se se sente grande prazer e gosto nas maneiras ou gentileza natural da pessoa amada.

- Se se deseja que nossa afeição seja correspondida.
- E se não gosta que outros observem, ouçam ou falem disso.

V. Mas, mesmo as pessoas que pretendem contrair matrimônio, estarão obrigadas a sufocar a inclinação ou simpatia recíproca, suposto mesmo que seja honesta? Perguntará alguém. Se esses futuros esposos estiverem animados de tais sentimentos, que estejam prontos a empregar todos os cuidados para tornar remota a ocasião próxima do pecado e resolvidos a nunca ofender a Deus por causa de tal afeição, não precisarão romper com ela. A experiência, porém, ensina que os mais nobres sentimentos degeneram facilmente em paixão.

Por esses motivos os teólogos exigem muita cautela com essas pessoas. Sabendo quanto o coração humano é inclinado ao pecado e quão fraco quando dominado por uma paixão, só permitem tais relações entre os jovens quando estão em idade e tem vontade séria de se casar; além disso, que não sejam travadas sem consentimento dos pais, que não se prolonguem por muito tempo e só se namorem quando estiver próximo o casamento; também lhes interditam o trato a sós, longe das vistas dos pais, grande familiaridade e tudo o que possa manchar a pureza da alma, seja por pensamentos, olhares, palavras ou gestos.

Do filho de Tobias podemos aprender como os jovens devem se preparar para o casamento. Na cidade de Ragés, na Média, vivia uma piedosa donzela, de nome Sara, filha de Raguel. Estava profundamente aflita porque sete rapazes, que sucessivamente a tinham desposado, haviam sido sufocados pelo demônio da impureza, Asmodeu, na primeira noite depois das núpcias. Ora, o Anjo Rafael, que acompanhara o jovem Tobias em sua viagem a Ragés, aconselhou-o a pedir Sara em casamento. Ele, porém, a par do ocorrido com os outros homens, temia expor-se ao mesmo perigo. O Anjo, porém, tranquilizou-o, dizendo:

“Ouve-me... o demônio só tem poder sobre aqueles que abraçam o estado conjugal excluindo a Deus de seus pensamentos, para satisfazerem unicamente a sua concupiscência, como o cavalo e a mula, que não têm entendimento. Tu, porém, quando receberes a Sara, entra com ela no teu quarto por três dias e três noites, guardando continência, e não te entregues a outra coisa que a oração, e então a receberás em matrimônio no temor do Senhor, levado mais pelo desejo de filhos que pela concupiscência, para que sejas abençoado e teus filhos sirvam e glorifiquem a Deus; então nada terás a temer do demônio.”

O jovem Tobias seguiu esse conselho, e seu casamento foi muito abençoado por Deus.

Notemos igualmente as quatro exortações dadas a Sara por seus pais, ao se despedirem dela: primeiro, honra a teu sogro; segundo, ama a teu marido; terceiro, cuida em governar bem tua casa; quarto, porta-te em tudo irrepreensivelmente.

Estes avisos devem servir de norma a todos os jovens que pretendem contrair matrimônio.

VI. O que dissemos até aqui se refere ao trato com pessoas de diferente sexo. O amor desregrado pode existir também entre pessoas do mesmo sexo, principalmente se são ainda moços e existe entre eles uma familiaridade por demais íntima. A este respeito São Basílio diz

o seguinte: *“Vós, que sois ainda jovens, evitai, a familiaridade com vossos iguais, pois, por meio dessas amizades, o demônio já arrastou a muitos para o inferno”. “Alguns começaram com uma afeição, na aparência santa, continua ele, mas pouco a pouco precipitou-os o demônio num lodaçal de vícios dos mais abomináveis”.*

Santa Ângela de Foligno se exprime de modo semelhante:

“Ainda que seja o amor a fonte de todo o bem, não deixa de ser igualmente a fonte de todo o mal. Não falo do amor impuro, que deve ser evitado em todo o caso, mas da inclinação, em si inocente, que facilmente pode degenerar em amor desordenado. O trato ou comércio mui assíduo com outro, com protestos de afeição, tem por consequência tornar, nocivo o amor, visto que ele prende estreitamente um coração ao outro, obscurecendo a afeição crescente cada vez mais a razão. Em pouco tempo só quererá um o que quer outro, e então não terá mais coragem de resistir ao outro quando for convidado ao mal, e, assim, se perderão ambos.”

Por isso, os que se dedicam à educação da mocidade estão gravemente obrigados a ter os olhos abertos nesse ponto, e não precisam ter escrúpulos, suspeitando mal com algum motivo. Se notarem qualquer apego ou familiaridade entre dois jovens, intervenham imediatamente e conservem-nos rigorosamente separados um do outro.

VII. Aqui na terra cada um de nós anda por caminhos escabrosos e em trevas, e se, por cima, ainda um anjo mau nos persegue e impele à perdição, a saber, um mau companheiro, que é pior que o mesmo demônio, como poderemos escapar ilesos? Já Platão dizia: *“Tomarás os mesmos modos daqueles com quem convives”.*

Segundo São João Crisóstomo, para se certificar dos hábitos de alguém, basta saber com quem ele anda, já que os amigos ou são ou fazem-se semelhantes uns aos outros. E isso por duas causas: primeiro, porque um se esforça por imitar o outro, para lhe ser agradável; segundo, porque o homem, como nota Sêneca, é inclinado a fazer o que vê os outros fazerem. Dos israelitas lemos: *“Eles se mesclaram com os gentios e aprenderam suas obras”* (SI 105, 35).

Devemos, portanto, não só fugir do comércio com os devassos, diz o Sábio, mas também nos conservarmos longe de seus caminhos: *“Meu filho, não andes com eles e não ponhas o teu pé em seus caminhos”* (Pr 1, 15). Devemos evitar todo o trato com eles, suas conversas, ou presentes, com os quais procuram nos enredar em suas malhas. *“Meu filho, se os pecadores te atraírem com seus afagos, não condescendas com eles”* (Pr 1,10). *“Cairá uma ave talvez no laço armado na terra sem o chamariz?”* (Am 3, 5).

O demônio serve-se dos maus amigos como de chamarizes, segundo Jeremias, para prender as almas em suas redes de pecado. *“Meus inimigos, sem motivo, prenderam-me como se prende uma ave na caça”* (Jr 3, 52). Ele diz — sem motivo — porque, perguntando-se a um tal sedutor porque aliciou sua pobre vítima ao pecado, responderá: não havia motivo; eu só queria que ela fizesse como eu. É essa exatamente a astúcia do demônio, diz Santo Efrém: *“Capturada uma alma em sua rede, serve-se dela como de uma armadilha ou negaça (artifício para seduzir) para prender a outra”.*

Fujamos, pois, a toda a familiaridade com tais escorpiões infernais como se foge da peste. Digo. Fujamos à familiaridade, isto é, não travemos amizade com homens viciosos, evitando tomar parte em sua mesa ou banquetes ou entretendo relações mais íntimas com

eles. É impossível evitar todo o comércio com eles, pois então deveríamos sair deste mundo, segundo o Apóstolo (1 Cor 5, 10). Contudo, é bem possível evitar um trato mais familiar, seguindo o conselho do mesmo Apóstolo: *“Eu vos escrevi que não tenhais comunicação com eles... com um tal não deveis nem sequer comer”*. Disse ainda: Fugamos de tais escorpiões, pois o profeta Ezequiel designa assim os sedutores: *“Perversedores estão contigo e habitas com escorpiões”* (Ez 2, 6). Não ousarias, alma cristã, habitar com escorpiões, e certamente te afastarias com toda a pressa de sua proximidade. Pois assim debes evitar os amigos que dão escândalo e envenenam tua alma com maus exemplos e conversas perversas. Quanto mais estreitamente estão ligados a nós, tanto mais perniciosos se tornam.

“Os inimigos do homem são os seus domésticos” (Mt 10, 36). Na Sagrada Escritura se diz: *“Quem se compadecerá de um encantador mordido pela serpente e de todos os que se aproximam de animais ferozes? Assim também quem se compadecerá daquele que se torna companheiro de um homem iníquo?”* (Eccl 12, 13). Se um tal homem, por motivo do perigo a que se expõe, cai em pecado e se precipita na condenação eterna, ninguém, nem Deus, nem os homens, terá compaixão dele, pois já foi advertido do perigo.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Oração para impetrar a Pureza do Corpo

Adorável Salvador meu, para expiar as nossas ofensas e especialmente os pecados impuros, quisestes que a Vossa carne virginal fosse horrorosamente dilacerada. Ah! Meu divino Senhor flagelado por mim, agradeço-Vos tanto amor, e deploro haver contribuído para os Vossos sofrimentos com os meus pecados. Detesto, ó meu Jesus, todos esses criminosos prazeres que Vos foram causa de tantas dores. Ai! Há quantos anos devia eu estar ardendo no inferno! Mas por que, Senhor, me haveis esperado até hoje com tanta paciência? Tanto tempo me tendes suportado, para que um dia, vencido por todos esses testemunhos da Vossa ternura, e deixando o pecado, tomasse a decisão de Vos amar. Amadíssimo Redentor meu, não quero mais resistir ao Vosso amor: resolvido estou a amar-Vos no futuro quanto em mim couber. Mas conheceis a minha fraqueza, Senhor, sabeis quantas vezes Vos fui infiel! Vinde, pois, e com as Vossas próprias mãos extingui os apetites terrenos, que me impedem de ser todo Vosso; recordai-me muitas vezes o amor em que ardeis por mim e a obrigação que tenho de Vos amar; ponho em Vós todas as minhas esperanças, ó meu Deus, meu amor, meu tudo!

Oração para obter a Pureza do Coração

Ó Redentor do mundo, única esperança minha, pelos méritos da Vossa Paixão, livrai-me de todo o afeto impuro e de tudo quanto possa pôr obstáculo ao amor que Vos devo.

Dai-me a graça de viver inteiramente despido dos desejos mundanos, e aspirar unicamente a possuir-Vos, bem supremo, único digno de ser amado. Pelas Vossas chagas sagradas, curai as enfermidades da minha alma, e dai-me a força de ter separado do meu coração todo o sentimento estranho ao Vosso amor; a Vós são devidos todos os meus afetos. Jesus, meu amor, Sois Vós a minha esperança. Ó doces palavras! Ó doce consolação! Jesus, meu amor, Vós Sois a minha esperança.

† Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

*
**



AULA 21

A OEDIÊNCIA

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: *A virtude da obediência é uma qualidade moral e sobrenatural ligada à justiça. A obediência aos superiores deve refletir a ordem divina. Ela é exemplar e autêntica quando se alinha com os ensinamentos de Cristo e os mandamentos de Deus. O texto da aula distingue entre uma obediência cega, que deriva do vício e segue as inclinações humanas, e uma obediência autêntica, que segue a vontade de Deus. A autoridade deve ser obedecida, mas se um superior dá ordens contrárias a de uma autoridade maior ou fora de sua alçada, não se deve obedecer. A obediência à vontade divina é primordial, e os cristãos devem obedecer ao poder secular apenas quando suas ordens são justas, refletindo a justiça de Deus.*

INTRODUÇÃO

“Humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até à morte, e morte da Cruz. Por isso também Deus o exaltou e lhe deu um nome que está acima de todo o nome, de modo que, ao nome de Jesus, se dobre todo o joelho no céu, na terra e no inferno, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, na glória de Deus Pai” (Fl 2, 8-11).

“Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14, 15).



Virtude da Obediência é uma virtude moral e sobrenatural anexa à virtude da justiça. A obediência honra a Deus, e ser virtuoso na obediência é cumprir os Mandamentos da Lei de Deus e todo o Evangelho. Todas as atitudes de obediência estão subordinadas ao que Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou.

Se foi por meio da desobediência que o pecado se instalou na humanidade, a obediência nos faz compreender e assimilar a soberania do Amor de Deus que tudo rege e governa, pois o próprio apóstolo diz: *“assim como pela desobediência de um só homem foram todos constituídos pecadores, assim pela obediência de um só todos se tornarão justos”* (Rm 5, 19). A soberania de Deus merece uma resposta de submissão (ou sujeição) plena. Isto quer dizer que, o homem, quando se submete — obedecendo — cumpre a vontade de Deus. No entanto, a obediência a Deus, e não aos homens, nos faz buscar compreender e cumprir a vontade de Deus, que é manifestada na Santa Igreja Católica. Deus usa ministérios humanos para manifestar seus ditames.

Obedecer à autoridade é obedecer ao próprio Deus. A autoridade legitimamente constituída cai em pecado gravíssimo caso não se submeta a Deus, pois até mesmo a autoridade é guiada por uma autoridade superior a ela.

Em Cafarnaum, um centurião veio ao encontro de Jesus pedindo que curasse seu servo — homem de cama, paraplético e em sofrimento. Jesus prontamente disse: “*Eu irei e o curarei*”. No entanto, o centurião disse: “*Senhor, eu não sou digno que entres na minha casa; diz, porém, uma só palavra, e o meu servo será curado. Pois também eu sou um homem sujeito a outro, tendo soldados às minhas ordens, e digo a um: ‘Vai’, e ele vai; e a outro: ‘Vem’, e ele vem; e ao meu servo: ‘Faça isto’, e ele o faz*”. Admirado, Jesus diz: “*Não achei fé tão grande em Israel*”. E Jesus, então, disse ao centurião: “*Vai, seja-te feito conforme creste*”. Naquela mesma hora ficou curado o servo (Cf. Mt 8, 5-13).

DA OBDIÊNCIA

Podemos assim dizer que existem duas espécies de obediência, uma cega e outra autêntica. A primeira, cega, deriva-se do vício e tipifica o homem que segue suas inclinações. A segunda, é o que abordamos nesta aula.

Pode-se dizer que a obediência cega é aquela que, contrária à virtude, não procede da vontade de Deus, mas na dos homens. A cegueira espiritual ao qual muitos se submetem por estarem inclinados às paixões e ao vício, se deve ao fato de que, pelo pecado, o homem não possui a retidão e a constância, típica da razão e da vontade de Deus.

O Catecismo de São Pio X orienta que devemos obediência em tudo o que não seja pecado (515)¹⁴. “*Aqueles que fazem parte da sociedade civil, além da obrigação de respeitar e obedecer às leis têm o dever de viver e trabalhar concordes e de procurar, segundo suas possibilidades, que a sociedade seja virtuosa, pacífica, ordenada e próspera para o proveito comum*” (411)¹⁵.

No Antigo Testamento — o mesmo que Aliança ou Pacto feito por Deus com os homens —, Deus prometeu salvar seu povo por meio de um Redentor, com a condição de que professarem fé à sua Palavra e obediência às suas Leis. Na Antiga Aliança — que Deus estabeleceu com Adão e Noé, e depois mais especialmente com Abraão e seus descendentes — exigia-se a fé no Messias e no futuro Redentor e a guarda da lei dada por Deus no início, posteriormente promulgada a seu povo através de Moisés. No Decálogo, temos o exemplo claro do dever de obediência que o povo tinha para com Deus.

O Novo Testamento ou Nova Aliança — após a vinda de Jesus Cristo, Redentor e Salvador nosso —, Deus a estabelece com todos os que recebem o sinal que Ele próprio determinou — que é o Batismo — e que nEle creem e guardam a Lei que o mesmo Jesus

¹⁴ Aqui cabe tecer um comentário indicando a leitura da Encíclica de São Pio X, *Pascendi Dominici Gregis*. Nesta carta, São Pio X expõe um cenário amplo e problemático ao qual se encontra a filosofia e a teologia, permeadas por doutrinas modernistas. Devemos lembrar que a gravidade do problema é no tocante à infiltração dos princípios errados nas diversas instâncias da sociedade, principalmente na educação e na Igreja. Mais adiante, nesta aula, veremos algumas questões mais oportunas a respeito da obediência.

¹⁵ Tal princípio é muito elevado e vem de acordo com o que foi dito no comentário acima. Isto define o propósito da obediência: ordenar a sociedade para o bem comum.

Cristo veio aperfeiçoar e completar, pregando-a em pessoa e ensinando-a em palavras aos Apóstolos. Foram os Apóstolos que receberam o mandato de pregar em toda parte o Santo Evangelho, por meio de Palavras e com a própria vida, buscando ampliar os efeitos da Redenção a todos os que professarem a fé em Jesus Cristo, renunciarem seus pecados e forem batizados. Por todos os séculos da Tradição e da sucessão apostólica, a Igreja permaneceu fiel e obediente à Palavra de Deus, incorrendo à excomunhão aqueles que a adulterassem.

Essa Tradição Divina, junto com a Sagrada Escritura, ou seja, toda a palavra de Deus escrita e transmitida de viva voz, foi confiada por Nosso Senhor Jesus Cristo a um depositário público, perpétuo, infalível, ou seja, a Santa Igreja Católica e Apostólica, a qual, fundada no tempo nesta divina Tradição, apoiada pela autoridade que Deus lhe deu e reforçada com a prometida assistência e direção do Espírito Santo, define quais livros contêm a Divina Revelação, interpreta as escrituras, corrige o significado em dúvida que sobre elas ocorrem, decide as coisas que pautam a fé e os costumes, e julga com sentenças inapeláveis sobre quaisquer matérias relativas a estes pontos de suprema importância para que de forma alguma possam confundir as mentes e os corações dos crentes fiéis; e é neste ponto que consiste a observância ou obediência dos fiéis na Igreja.

A Igreja, portanto, formada primeiro pelos Apóstolos e depois por seus sucessores, os Bispos, com o Papa à sua cabeça, conserva a unidade e a pureza da doutrina, tanto na ordem natural quanto na ordem sobrenatural. Para fazer isto, pronuncia-se *ex cathedra*, ou seja, como Pastor e Doutor de todos os cristãos, promulgando os mesmos decretos e pronunciando os mesmos juízos de sempre. Para isso, a Igreja exerce a Suprema autoridade em todas as questões relativas à disciplina e ao bom governo da Igreja e os fiéis devem obedecer-lhe com sincero obséquio da mente e do coração.

Em obediência à suprema autoridade da Igreja e do Sumo Pontífice — por cuja autoridade propõem-se-nos as verdades da fé, impõem-se-nos as leis da Igreja e se nos manda tudo quanto o bom governo dela é necessário — consiste a regra de nossa fé.

Na ordem natural, distinguem-se três espécies de sociedades — a sociedade doméstica ou familiar, a quem presidem os pais; a sociedade civil governada pelos detentores legítimos da autoridade, segundo sistemas reconhecidos nas diversas nações; a sociedade profissional, em que há patrões e operários cujos direitos e deveres respectivos são determinados pelo contrato de trabalho. Na ordem sobrenatural, os superiores hierárquicos são o Sumo Pontífice, os Bispos, os párocos e os vigários.

UM HOMEM ESTÁ OBRIGADO A OBEDECER A OUTRO?

Da mesma forma com que, na ordem natural, seres superiores necessariamente movem os inferiores para os atos destes, também na ordem humana, os superiores pela sua vontade e em virtude da autoridade que Deus lhes conferiu, movem os inferiores. A vontade divina é a regra primeira a que estão sujeitas todas as vontades racionais, da qual uma destas se aproxima mais que outra, segundo a ordem instituída por Deus. Por onde, a vontade de quem manda pode ser como que segunda regra à vontade de quem obedece.

Quem obedece é movido por uma certa obrigação de justiça, assim como os seres naturais são movidos, por necessidade natural. Mas pode ocorrer que não haja obediência a uma determinada coisa. Por dois modos. O primeiro é por um impedimento provido de uma força maior. A madeira, por exemplo, não queima o fogo se a virtude mais forte da água o impedir de fazer. O segundo é se não for suficientemente completo. Por exemplo, o líquido pode aparentemente extinguir as chamas, mas o calor acaba por extingui-lo e o fogo arde novamente.

De maneira semelhante pode se dar que um súdito não esteja obrigado a obedecer em tudo ao superior. De um modo, por causa da ordem de um superior de mais elevada categoria. Por exemplo, quando o imperador dá uma ordem contrária ao que Deus manda, devemos desobedecer aquele para obedecer a Deus.

De outro modo, o inferior não está obrigado a obedecer ao superior quando este lhe manda o que não é da sua alçada. Ninguém está obrigado a obedecer senão a Deus. Mas, estamos obrigados a obedecer a outrem no que respeita aos atos corporais externos. Contudo, no que pertence à natureza do nosso corpo, a ninguém estamos obrigados a obedecer, senão só a Deus, porque todos os homens são iguais por natureza. Por onde, os escravos não devem obedecer ao senhor, nem os filhos aos pais, quando se trata de contrair matrimônio, de conservar a virgindade ou de coisas semelhantes.

No atinente à disposição dos atos e das coisas humanas, o súdito está obrigado a obedecer ao superior pela razão mesma de ser superior. Assim, o soldado, ao chefe do exército, em matéria de guerra; o escravo, ao senhor, no atinente à execução das obras servis; o filho, ao pai, no que respeita à direção da vida — e da casa, e assim por diante.

EM TUDO DEVEMOS OBEDIÊNCIA A DEUS

Quem obedece é movido pelo império daquele a quem obedece, assim como as coisas naturais são movidas pelos seus motores. Ora, sendo Deus o motor primeiro de todas as coisas naturalmente movidas, é também o motor primeiro de todas as vontades, como do sobredito se colhe. Por onde, assim como todos os seres naturais estão necessariamente sujeitos à moção divina, assim também, por uma certa necessidade de justiça, todas as vontades estão obrigadas a obedecer ao império divino.

Embora o homem nem sempre esteja obrigado a querer o que Deus quer, contudo, é sempre obrigado a querer o que Deus quer que Ele queira. E isto o homem o conhece mediante o preceito divino. Logo, está obrigado a obedecer em tudo aos preceitos divinos.

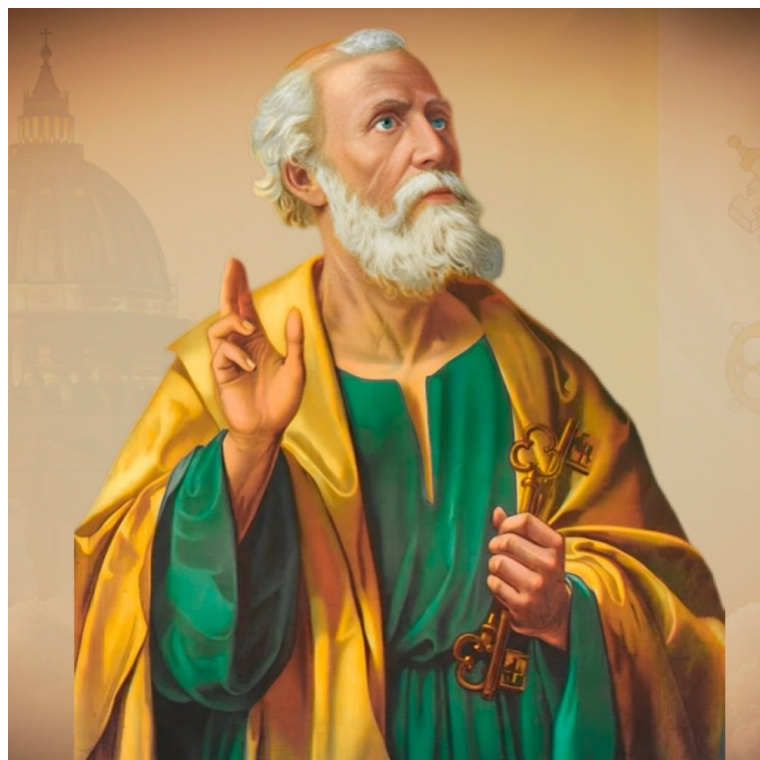
ÚLTIMA CONSIDERAÇÃO: OS CRISTÃOS ESTÃO OBRIGADOS A OBEDECER AO PODER SECULAR?

A fé do Cristão é o princípio e a causa da justiça, segundo as palavras do Apóstolo: “*A justiça de Deus é infundida pela fé de Jesus Cristo*”. Por isso, a fé de Jesus Cristo, longe de destruir

a ordem da justiça, a confirma. Ora, a ordem da justiça exige que os inferiores obedeçam aos superiores, pois, do contrário, a sociedade humana não poderia subsistir, por onde, a fé de Cristo não dispensa os Cristãos de obedecerem ao poder secular.

Estamos obrigados a obedecer ao poder secular na medida em que a ordem da justiça o exige. Portanto, aos que o detêm injustamente ou usurpado, ou mandam o que é injusto, não estamos, como súditos, obrigados a lhes obedecer; a não ser talvez por acidente, para evitar escândalo ou perigo¹⁶.

SÃO PEDRO, APÓSTOLO



Pedro teve três nomes. O primeiro, Simão Bar Jonas. Simão quer dizer “obediente” ou “aquele que se entrega à tristeza”, e Bar Jonas, “filho de pomba”, porque em sírio bar é “filho” e em hebraico Jonas significa “pomba”. De fato, ele foi obediente: quando Cristo o chamou, obedeceu à primeira ordem do Senhor e entregou-se à tristeza quando renegou Cristo: “Ele saiu e chorou amargamente”. Ele foi filho de pomba porque serviu a Deus com simplicidade de intenção.

Seu segundo nome foi Cefas, que significa “chefe” ou “pedra” ou “aquele que proclama”. Chefe

porque teve primazia no prelado, pedra por causa da firmeza que demonstrou em seu martírio, e aquele que proclama devido à constância da sua pregação.

Seu terceiro nome foi Pedro, que quer dizer “conhecedor”, “descalço” ou “dissolvedor”, por ter conhecido a divindade de Cristo ao dizer: “Você é Cristo, o Filho do Deus vivo”; por ter se despojado de todo afeto pelos seus e de toda obra morta e terrestre ao dizer: “Deixamos tudo para segui-lo”; e por ter nos soltado dos grilhões do pecado com as chaves que recebeu do Senhor.

Também teve três apelidos: Simão Joana, que significa “beleza do Senhor”; Simão de João, que quer dizer “a quem foi dado”; e Simão Bar Jonas, que quer dizer “filho de pomba”. Por esses três apelidos, entende-se que possuía beleza de costumes, dons de virtudes e abundância de lágrimas, já que a pomba geme em vez de cantar.

¹⁶ Os artigos que tratam da obediência se encontram na Sum. Theol. II-II, q. 104, a. 1-6.

Quanto ao nome Pedro, foi-lhe dado por Jesus quando disse, conforme está em João 1 — “Você se chamará Cefas, que quer dizer pedra”; depois, conforme São Marcos 3 — “Deu a Simão o nome de Pedro”; por fim, confirmou esse nome, como se diz em São Mateus 16 — “Também digo que você é Pedro e que sobre esta pedra edificarei minha Igreja”. Seu martírio foi escrito por Marcelo, pelo papa Lino, por Hegésipo e pelo papa Leão.

Pedro foi, dentre todos os apóstolos, o que teve o maior fervor, porque quis conhecer aquele que traía o Senhor, e se o tivesse conhecido, diz Agostinho, o teria dilacerado a dentadas. É por isso que o Senhor não queria revelar o nome desse traidor. Crisóstomo também diz que se Ele tivesse dito aquele nome, Pedro teria se levantado e o trucidado na mesma hora. Ele andou sobre as águas do mar para ir ao encontro do Senhor, foi testemunha da transfiguração do Senhor e da ressurreição de uma jovem, encontrou na boca do peixe a moeda de quatro dracmas para o tributo, recebeu do Senhor as chaves do reino dos Céus, recebeu o encargo de apascentar as ovelhas de Cristo, no dia de Pentecostes converteu com sua prédica 3 mil homens, predisse a morte de Ananias e Safira, curou Enéas de sua paralisia, batizou Cornélio, ressuscitou Tabita, restituiu a saúde aos enfermos com a sombra do seu corpo, e, aprisionado por Herodes, foi libertado por um anjo.

Ele mesmo conta no Livro de Clemente como era sua alimentação e suas roupas: “Eu me alimento apenas de pão e azeitonas e raramente de legumes. Minha vestimenta, como vêem, é uma túnica e um manto, e nada além disso”. Relata também que sempre levava consigo um sudário para enxugar as lágrimas que derramava com frequência, porque quando a presença de Deus e as doces conversas com Ele vinham à memória, não podia conter o choro, tamanha era a ternura de seu amor. Mas quando se lembrava do erro que cometera renegando-O, vertia torrentes de lágrimas. O costume de chorar era tão comum que seu rosto parecia todo queimado, diz Clemente.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.





AULA 26

A HUMILDADE DA ALMA

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Nesta aula, buscamos distinguir entre a humildade do entendimento e a humildade da vontade. Para isto, devemos reconhecer e aceitar a própria miséria e baixeza como elementos fundamentais para alcançar a verdadeira humildade. A humildade do entendimento envolve a consciência de que, por nós mesmos, não temos nada de bom e merecemos desprezo, enquanto todo o bem que possuímos vem de Deus. A humildade da vontade, por outro lado, consiste no desejo sincero de ser desprezado pelos outros e em aceitar as humilhações com alegria, como um caminho para o crescimento espiritual e a perfeição cristã. A humildade é essencial para agradar a Deus e alcançar a santidade, sendo mais meritório suportar ofensas e desprezos com paciência e alegria do que qualquer outro ato de virtude.

A HUMILDADE DO ENTENDIMENTO

“Bem-aventurados sois quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por causa de mim: folgai e exultai, porque vossa recompensa é copiosa nos céus” (Mt 5, 12).



Depois de conhecer os grandes bens que a humildade traz consigo, consideremos a prática da mesma e vejamos o que devemos fazer para alcançar essa santa virtude.

Como vimos na aula anterior, Santo Afonso nos diz que a humildade se divide em humildade do entendimento e humildade da vontade ou do coração. Falemos primeiro da humildade do entendimento (da inteligência), sem a qual não chegaremos à da vontade.

A humildade do entendimento, segundo São Bernardo, consiste em que tenhamos uma baixa ideia de nós mesmos e nos tenhamos em conta de desprezíveis, como, na realidade, o somos. O Senhor ama tanto os humildes porque eles amam a Verdade, e a Verdade é Cristo.

Eis o fato: nada somos, somos ignorantes, cegos e incapazes de praticar qualquer bem. Eis a verdade: Cristo é; é a Sabedoria; a Luz que resplandece nas trevas e guia os passos do justo; é o fazedor e a causa de todo bem.

Do nosso lado, nada temos de nós mesmos, a não ser o pecado, que nos torna ainda mais desprezíveis que o nada. Só por nós mesmos, praticamos o mal. Do lado de Deus, todo

o bem que temos ou fazemos, vem d'Ele e pertence a Ele. O humilde sempre tem diante dos olhos essa verdade e nada atribui a si senão o mal, pois julga-se digno de todo desprezo. Em vista disso, não busca que lhe atribuam todos os merecimentos que não tem. Alegra-se em ver-se desprezado e tratado como merece e tanto mais desprezível se julga a seus olhos, tanto mais agradável se torna a Deus.

“Senhor, faça que eu me conheça a mim e conheça a Vós. Vós Sois a fonte de todo o bem, e eu nada sou senão miséria, já que de mim nada possuo, nada sei, nada posso e para nada sirvo senão para praticar o mal” (Santo Agostinho).

É só através dos humildes que Deus é honrado (Cf. Ecl 3, 21).

“Se queres honrar a Deus, debes ter sempre tua miséria diante dos olhos. Reconhece humildemente que nada te podes atribuir, a não ser o nada e o pecado, e que Deus, de seu lado, é tudo. Deves estar persuadido que nada mereces senão o desprezo e o castigo e mostra-te pronto a abraçar todos os castigos que Deus quiser te enviar”. (Santo Afonso)

Como vimos no final da aula anterior, em conformidade com esses princípios, devemos observar o seguinte:

Primeiro – nunca se glorie de suas boas obras. Os Santos praticaram coisas grandiosas, no entanto, nunca se vangloriaram. Por isso, é aconselhável que se faça a leitura espiritual sobre a vida dos Santos, pois, à vista das grandes coisas que eles fizeram por Deus, ao menos perderemos o orgulho e nos envergonharemos de ter feito tão pouco até agora e de ainda fazermos pouco. Como havemos de nos gloriar de alguma coisa, sabendo que é um puro dom de Deus se temos algum bem? *“Quem deixaria de rir”*, diz São Bernardo, *“se as nuvens se gloriassem de ser a causa da chuva?”* Mereceríamos o mesmo escárnio se nos gloriássemos do pequeno bem que fazemos.

Certa vez, um nobre senhor se casou com uma pobre camponesa. Esta, ordenou-lhe que guardasse seus humildes trajes para que não se ensoberbecesse vendo-se cercada de criados e trajando lindos vestidos. Eis o modo com que a alma cristã deve proceder. “Se acha algum bem em ti, retoma teus antigos trajes: lembra-te daquilo que eras antes e deduz daí que todo o bem que possuis é uma esmola de Deus.”

Segundo – Sem Deus você nada pode, portanto, nunca se fie em suas próprias forças, mas imite São Filipe Néri que desconfiava de si mesmo. Ponha sua confiança em Deus, sempre, dizendo: *“tudo posso naquele que me conforta”* (Fl 4, 13), pois os humildes sempre esperam em Deus, buscando renovar sempre as suas forças (Cf. Is 40, 31). Santa Catarina de Sena se humilhava e punha toda a sua confiança em Deus, se era tentada pela vã glória ou pela desconfiança. Certo dia lhe disse o demônio: *“amaldiçoada sejas e amaldiçoado seja aquele que te ensinou esse meio de me venceres, pois já não sei mais como te ei de atacar”*. Deve dizer confiadamente com Davi: *“Em vós, Senhor, pus minha confiança, espero firmemente que nunca serei confundido”*, que nunca serei privado de Vossa graça e um escravo do inferno.

Terceiro – Se tiver a desgraça de cair em um pecado ou falta, não perca a coragem, mas humilhe-se, arrependa-se e, porque ficou conhecendo melhor a sua fraqueza, entregue-se ao Senhor com maior confiança ainda.

O orgulhoso admira-se que se pode cometer tal falta — esse desânimo é uma marcha do demônio que quer roubar a confiança em Deus, para nos afastar do caminho da perfeição e nos precipitar em maiores pecados. Indigna-se em ficar humilhado ao cometer tal falta porque é orgulhoso.

Nesse sentido, disse o Senhor a Santa Gertrudes: *“Quando se suja a mão, lava-se e ela fica mais limpa que antes: assim a alma que se purifica de uma falta cometida, pelo arrependimento, torna-se muito mais agradável que antes”*.

Deus permite, às vezes, que as almas que ainda não estão bem firmadas na humildade caiam em alguma falta para que aprendam a desconfiar de si e a por sua confiança em Seu auxílio. “Se, pois, caíste em uma falta, alma cristã, não permaneças prostrada, mas levanta-te imediatamente por atos de amor e arrependimento, com o firme propósito de te emendar, e redobra de confiança em Deus. Deves então dizer com Santa Catarina de Gênova: *“Vede, Senhor, esses são os frutos de meu jardim: se não estenderdes vossa mão auxiliadora sobre mim, farei coisa ainda pior; mas com vossa assistência espero não tornar a cair, como firmemente proponho”*. Se, apesar disso, tornares a cair, levanta-te sempre de novo, da mesma forma, e não dês de mão à resolução de te tornar santo.”

Quarto — se souber que alguém cometeu um pecado mortal, não deve se admirar muito disso, antes ter compaixão dessa alma e tremer por tua própria salvação, dizendo, com Davi: *“Se o Senhor não me tivesse auxiliado, se acharia no inferno minha alma”* (SI 93, 17). Nunca se glorie de não ter as faltas que notas nos outros; senão o Senhor deixará, para seu castigo, que caia nas mesmas.

Cassiano narra que um jovem religioso era atormentado por uma forte tentação contra a santa pureza. Foi buscar socorro com um velho monge; este, porém, em vez de o animar só aumentou sua confusão e aflição, agravando-o com exprobrações. *“Como é possível”*, exclamou ele, *“que um religioso pense em tais imundícies? Mas que sucedeu?”* Por permissão de Deus, foi esse ancião atormentado pelo espírito imundo de um modo tão assombroso que ele corria, como um louco, pelo mosteiro. Dirigiu-se então a ele o abade Apolo, que tivera notícia do seu imprudente procedimento, e disse-lhe: *“Meu irmão, Deus permitiu que te sobreviesse essa tentação porque te mostraste tão admirado daquele pobre jovem que recorreu a ti; ao mesmo tempo ele queria ensinar-te paciência com os outros em semelhantes casos”*.

Também devemos ter todo o cuidado de não mostrar dureza ou desprezo nas repreensões: *“Se alguém tiver de corrigir a qualquer um, considere então que ele próprio é tão pobre e frágil como o outro; senão permite Deus que ele seja atacado pela mesma tentação e, talvez, caia no mesmo pecado de que se admirou em seu irmão”*, diz São Filipe Néri. O apóstolo também diz: *“Irmãos, se algum homem for surpreendido em algum delito... admoestai a um tal em espírito de mansidão e considerai a vós mesmos, para que não sejais também tentados”* (Gl 6, 1).

Quinto — deve também se considerar, alma cristã, como a maior pecadora do mundo. Como as almas verdadeiramente humildes, que são mais iluminadas pela luz celeste, melhor conhecem as perfeições de Deus, também melhor veem sua miséria e seus pecados. Os, Santos, apesar de levarem uma vida tão exemplar, se julgavam os maiores pecadores do

mundo. Não por exagero, mas por convicção íntima, Santa Gertrudes considerava um milagre que a terra não se abrisse debaixo dos seus pés para tragá-la, por causa de seus pecados.

Sexto – quanto mais formos favorecidos por Deus, tanto mais nos devemos humilhar. Quanto mais uma alma reconhece sua indignidade, tanto mais Deus a enriquece com suas graças. Se uma alma for agraciada por Deus com muitas consolações e com inflamado amor, acompanhado de lágrimas e grande ternura de coração, não pense ela que Deus a quer recompensar por alguma boa obra que praticou. Em tal caso a alma nada pode fazer de melhor que se humilhar e se persuadir que Deus a trate tão bondosamente só para que ela não O abandone; se ela, porém, em vista dessas graças, se entregasse à vã presunção de que é preferida porque serve melhor a Deus que outros, Este a privaria de tais favores em razão desse orgulho. Por isso, alma cristã, nunca se julgue mais que os outros.

PARA CONCLUIR ESTA PRIMEIRA PARTE

“Para ser humilde deve te considerar como o último e o pior de todos. E por que isso? Porque, de um lado, sabes com certeza que cometeste muitos pecados e, de outro lado, que os pecados do próximo e as virtudes que possui talvez aquele a quem menos consideras, te são inteiramente desconhecidas.

Além disso, deve considerar que já devia ter atingido a santidade com as inspirações e graças que o Senhor te concedeu tão liberalmente. Se Deus tivesse concedido a um infiel as graças que recebeste, talvez se teria tornado um serafim em santidade, enquanto que permaneces tão pobre e cheio de imperfeições. Esse pensamento de tua infidelidade devia te levar a te humilhares continuamente diante dos outros, porque, segundo Santo Tomás, o pecado é tanto maior, quanto maior é a infidelidade daquele que o comete. Conforme isso, um só de teus pecados pode pesar mais diante de Deus que cem pecados de um outro que recebeu menos graças. Ora, tu sabes muito bem que cometeste muitos pecados e mesmo que tua vida inteira foi uma série de faltas voluntárias; as boas obras, porém, que praticaste, estavam tão cheias de imperfeições e amor-próprio, que mereceriam antes castigo que recompensa.

Depois de tudo isso, alma cristã, debes te julgar indigna até de beijar o chão que é calcado pelos outros, e, se te ultrajarem de todo o modo que imaginar se possa, e se, até, fosses lançada no inferno, debaixo de todos os condenados, deverias pensar que tudo isso ainda era pouco em vista do que merecias. Dize, portanto, sem interrupção, do fundo de tua miséria:

Ó meu Deus, apressai-Vos em socorrer-me! Senhor, atendei em meu socorro! Senão estarei perdido e Vos ofenderei mais gravemente que antes e mais que todos os outros.”

A HUMILDADE DA VONTADE

A humildade do entendimento consiste na convicção de que nós não merecemos senão desprezo. A humildade da vontade, consiste no desejo sincero de sermos realmente desprezados pelos outros e alegrarmo-nos quando desprezados. É nisto que se dá o mérito

principal da humildade, pois se merece muito mais pelo ato da vontade que pelo do entendimento.

Muitos são humildes de boca, não o são, porém, de coração. Confessam que são maus e merecem todos os castigos. Quando admoestados se enfurecem e negam ter defeito que se lhes imputa.

“Alguns se humilham maliciosamente”, diz o Espírito Santo (Ecl 19, 23), não para serem repreendidos e humilhados, mas sim tidos em conta de humildes e louvados.

Humilhar-se para ser louvado não é humildade. Antes, destrói toda a humildade, pois, assim, a própria humildade torna-se objeto de orgulho, é o que diz São Bernardo. São Vicente de Paulo dizia que a humildade é atraente na sua aparência, mas espantosa na prática, pois a verdadeira humildade consiste em se amar o desdém e o desprezo. Para São João Clímaco, ser humilde não basta considerar-se um miserável pecador, mas deve-se também desejar ser tido por tal e desprezado: *“É bom que fales mal de ti, diz ele, mas é melhor que aproves sem descontentamento e até te alegres quando outros falam mal de ti”*.

“Para encontrar a humildade de coração, debes observar o seguinte:

Primeiro – nunca debes dizer coisa alguma em teu louvor, quer em relação ao teu proceder, teus talentos, tuas boas obras, quer em relação à tua família, falando de sua nobreza, riqueza ou parentesco. *“Louve-te um outro e não a tua própria boca”* (Pr 27, 2).

Quando falar de ti mesmo ou daquilo que te respeita, procura humilhar-te sempre e não te exaltar. Se te humilhares nada terás a temer, mas se, à custa da verdade, te exaltares um pouquinho só, diz São Bernardo, poderás causar-te um grande mal. Quem atravessa uma porta e abaixa a cabeça mais do que preciso, não se causará nenhum mal; mas quem a ergue, ainda que só um dedo mais alto, dará com a fronte na porta e se ferirá.

Se falas de ti, procura dizer antes mal que bem. É preferível descobrir teus defeitos que aquilo que te fará parecer virtuoso. O melhor é nunca falar de si mesmo, nem bem, nem mal. Deves te considerar tão desprezível, que nem sequer mereças ser nomeado pelos outros. Atenção: mesmo quando falamos de coisas que servem para nossa vergonha, ocorre, muitas vezes, um orgulho sutil e encoberto. A humilhação voluntária, que sofremos pela revelação de nossas faltas, desperta em nós um desejo de sermos louvados pelos outros ou, ao menos, de sermos lidos no número dos humildes — pura vaidade.

Se, contra a tua vontade, for louvado, procura humilhar-te ao menos interiormente, recordando-te de teus muitos defeitos. Os muitos orgulhosos alegram-se do louvor, ainda quando não o merecem, diz São Gregório, enquanto os humildes coram e se entristecem, quando os louvamos, ainda que justamente.

Não tenhas inveja dos que têm mais talentos e aptidões, ou que são mais estimados que tu. Deve invejar os que te superam em amor de Deus e humildade, pois melhor que todas as honras e todo o aplauso do mundo é a humilhação.

Segundo – para conservar a humildade, não te irrite nas repreensões. Se, quando repreendido, te inquietas, ainda não alcançaste a humildade, e debes pedir a Deus que te

conceda essa virtude tão necessária para a salvação. *“Quem aborrece a repreensão, não trilha o caminho do justo, mas o do pecador”* (Ecl 21, 7), isto é, o caminho do inferno.

O aparente bem-estar dos insensatos consiste nisso, que não encontram ninguém que os repreenda ou que se importe com isso — dessa maneira se perdem miseravelmente. O justo se entristece quando se nota nele um defeito. O pecador também se entristece se se descobre nele uma falta, não porque ele pecou, mas porque sua falta ficou notória; ele nem pensa em se arrepender, mas só em se defender, e se aborrece com aquele que o repreende.

Não procedas assim! Agradece antes a quem te avisou de uma falta, pois seria grande injustiça se te irritasses com aquele que te mostra o caminho da salvação. Farias até um grande bem se, como costumava aconselhar Santa Maria Madalena de Pazzi, te procurasses um amigo que te admoestasse de todas as faltas que cometeste, talvez sem o saber.

Sabes que estás cheio de miséria e defeitos? O único meio contra isso consiste em te humilhares quando os descobrires ou os outros te apontarem. *“Na nossa humildade”*, diz Santo Agostinho, *“consiste nossa perfeição”*.

De modo tão imperfeito praticamos a virtude? Sejamos ao menos perfeitos na prática da humildade, e alegremo-nos se os outros, por meio de suas censuras, nos dão ocasião de exercê-la. Devemos notar que nosso orgulho suporta mais facilmente as correções imerecidas que as merecidas, porque o amor-próprio acha uma certa satisfação nas repreensões imerecidas. Se for censurado com razão, apressa-te em oferecer a Deus, quanto antes, a tua confusão, e em te emendar; esmaga o escorpião na própria ferida que ele te fez, isto é, utiliza-te dessa confusão para reparar a falta cometida, e podes ficar persuadido que Deus se mostrará tanto mais pronto a te perdoar as tuas faltas quanto maior for a humildade com que receberes a correção.

Um ato tão agradável a Deus, consiste em não se defender nem se desculpar nas repreensões.

Terceiro – para alcançar uma humildade perfeita, debes te esforçar a receber com serenidade toda sorte de desprezo e maus tratos. Poderás praticar isso se creres sinceramente que em vista de teus pecados mereces todo o desprezo possível. O meio mais seguro para se conhecer se uma alma possui virtude, segundo São João Crisóstomo, consiste em observar se ela recebe tranquilamente as humilhações. Mais se ganha suportando uma ofensa, que jejuando dez dias a pão e água. Os orgulhosos se julgam dignos de toda a espécie de honras, abusam das humilhações que encontram, para aumento de sua soberba, enquanto os humildes, que se julgam dignos de todo o desprezo, se utilizam das humilhações que lhes sucedem para aumento de sua humildade.”

A RESPEITO DAS HUMILHAÇÕES

As humilhações que nos impomos a nós mesmos são boas, porém muito melhores são as que provêm dos outros, como repreensões, acusações, injúrias e zombarias. Elas são meritórias contanto que as aceitemos de boa mente, por amor de Jesus Cristo.

Quem não suporta tranquilamente o desprezo, nunca poderá alcançar a santidade.

Alguns julgam-se humildes por estarem convencidos de sua miséria e se arrependem de ter vivido mal. Fogem da humilhação e não suportam que lhes falte com a atenção e respeito. Evitam todas as ocupações menos honrosas e tudo o que não é compatível com sua soberba.

É disto que fala Nosso Senhor ao dever de amar os nossos inimigos e orar pelos que nos perseguem, pois *“o tempo da humilhação é o mais próprio para ficarmos livres de nossa miséria e de juntarmos merecimentos”* (Pe. Álvarez). O próprio Senhor conclui: *“Bem-aventurados sois, se os homens vos odiarem e vos excluïrem e carregarem de injúrias e rejeitarem o vosso nome como mau por causa do Filho do Homem”* (Lc 6, 22). São Pedro acrescenta: *“Bem-aventurados sois, se por causa do nome de Cristo vos insultarem, porque o que há de honra, de glória e de virtude de Deus e o espírito que é dele, repousa então sobre vós”* (1 Pd 4, 14).

Nosso Senhor apareceu uma vez a São João da Cruz com a cruz às costas e a coroa de espinhos na cabeça e disse-lhe: *“João, exige de mim o que quiseres”*. Ao que o Santo respondeu: *“Senhor, desejo padecer e ser desprezado por amor de Vós”*. Com isso queria dizer: *“Ó meu Salvador, vendo-Vos por meu amor tão atormentado e desprezado, que outra coisa posso desejar que padecer e ser desprezado?”*.

Um padre jesuíta estava a pregar no Japão, quando um homem vil lhe escarrou no rosto. Ele, tomando o lenço com toda a tranquilidade, limpou e continuou a sua pregação, como se nada tivesse acontecido. Isso impressionou tanto a um dos ouvintes, que se converteu à fé cristã, *“pois a religião que ensina uma tal humildade”*, dizia ele, *“deve ser verdadeira e divina”*. Assim também converteu São Francisco de Sales a muitos hereges pela mansidão com que suportava todos os insultos da parte deles.

Quem, portanto, quiser trilhar o caminho da perfeição deve estar pronto a ser escarnecido, caluniado, injuriado, perseguido e odiado. Isso é inevitável.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Ó caridade, ó humildade, ó doçura e benignidade, como deixais em suavidade e satisfação a alma que vos possui!... Ah! quem vos conhece pode desejar outra coisa senão vós mesmo como partilha? Oh! Senhor, dai-me esta água viva, e que todas as outras delícias deste mundo se transformem para mim em amargura.

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.





AULA 30

A PRÁTICA DA PACIÊNCIA E A ABNEGAÇÃO

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Estudaremos a prática da paciência em diferentes aspectos da vida, durante as enfermidades, as injúrias, as desolações espirituais, a busca pela abnegação e o amor à cruz. A paciência deve ser exercitada seguindo os exemplos dos Santos que sofreram com resignação e amor a Deus, mesmo quando enfrentavam tormentos físicos ou espirituais. Concluímos com uma prática para exercitar a paciência com orações, atos de virtude e penitência como meios de alcançar a verdadeira união com Deus.

A PACIÊNCIA NAS ENFERMIDADES

“Aceito, meu Deus, a humilhação que vem das minhas faltas e deploro mais a pena que Vos causei do que o mal que me fiz a mim mesmo”.



Antes de tudo, deve-se praticar a paciência nas enfermidades. Elas são a pedra de toque de nossos sentimentos e dão a conhecer se eles são ouro puro ou ouro dos tolos. Muitos têm bom humor, são pacientes e devotos enquanto gozam de boa saúde; atacados, porém, por alguma doença, cometem mil faltas e ficam inconsoláveis; mostrara-se impacientes para com todos, mesmo aqueles que os assistem por caridade; queixam-se da menor dor, da menor indisposição; queixam-se de tudo e de todos, do médico, de seus pais, daqueles que os tratam, etc. Isso mostra que o ouro aparente é metal sem nenhum valor ou utilidade.

Deve-se padecer sem se queixar ou comunicar ao outro o sofrimento? Não é proibido externar as dores quando são mui fortes. Quando, porém, são insignificantes, é uma fraqueza queixar-se a cada um e desejar que todos tenham dó de ti. Quando os remédios não ajudam, debes praticar a paciência e te entregar inteiramente nas mãos de Deus. “*Se conhecêssemos o grande tesouro escondido nas doenças*”, diz São Vicente de Paulo, “*as receberíamos tão alegremente como quando se recebem os maiores favores*”.

Esse Santo suportou, sem uma palavra de queixa, as mais violentas dores que lhe ocasionavam suas enfermidades contínuas, as quais eram tão grandes que, muitas vezes, não tinha descanso nem de dia, nem de noite, e, contudo, guardava sempre uma tal serenidade que parecia que nada tinha a sofrer. Como é edificante guardar sempre a tranquilidade e a

resignação no tempo da doença. Era o que se dava com São Francisco de Sales, que, quando estava doente, expunha simplesmente seu estado ao médico, obedecia-lhe pontualmente, tomando todos os remédios prescritos, por mais repugnantes que fossem, e ficava então inteiramente tranquilo, sem se queixar de suas dores um instante só.

“Aprendei a padecer por amor de Deus”, dizia Santa Teresa, “e não queirais que cada um o saiba” (Cam. da perf., c. 12).

Por uma graça especial do divino Salvador, o venerável Pe. Luis da Ponte foi uma vez, em sexta-feira santa, atacado por tantas dores corporais, que tinha de sofrer um tormento especial em cada parte de seu corpo. Isso comunicou a um de seus amigos, mas apenas o fez se arrepender tanto que fez o voto de nunca mais confiar a pessoa alguma o que tivesse de sofrer no futuro. É por uma graça especial de Deus! Porque os santos recebem as doenças e sofrimentos que Deus lhes envia como favores especiais de sua mão.

Alguns doentes clamam talvez em sua impaciência: *“Onde está a caridade? Vede como se esquecem de mim e me abandonam neste leito de dores!”* Pobres doentes! A doença é lastimável, mas a falta de paciência é ainda maior.

A uma senhora piedosa, que sofria violentas dores, deram uma vez um crucifixo e aconselharam-na que pedisse ao Senhor que a libertasse de suas dores. A isso respondeu: *“Como podeis pretender que eu deseje descer da cruz, tendo nas mãos meu Salvador crucificado? Quero padecer de bom grado por amor daquele que, por amor de mim, quis padecer dores muito maiores que as minhas”*. Foi igualmente isso o que disse uma vez Jesus Cristo a Santa Teresa, achando-se ela doente e sentindo grandes dores. Ele apareceu-lhe coberto de chagas e disse-lhe: *“Contempla estas feridas, minha filha, nunca tuas dores serão tão grandes”*. Por isso a Santa, quando padecia alguma enfermidade, costumava dizer: *“Quando eu considero de quantos modos padeceu o Salvador, Ele que era tão inocente, não sei como poderei me queixar de minhas dores”*.

São Francisco de Sales afirma que melhor se serve a Deus quando se padece do que quando se trabalha.

Que tesouro de merecimentos não se podem adquirir só pela resignação na vontade de Deus durante o tempo da doença! O Pe. Baltasar Álvarez teve um dia a felicidade de ver a grande glória que Deus tinha preparado a uma freira, em recompensa da sua paciência em suportar uma enfermidade. Essa piedosa religiosa recolheu maiores merecimentos nos oito meses de sua doença que outras religiosas fervorosas em vários anos. Com a paciência com que suportamos as doenças e mal-estar merecemos uma grande recompensa e talvez a maior que Deus nos preparou no céu. Isso foi revelado a Santa Liduína. Apesar de todos os seus sofrimentos, nutria a Santa ainda o desejo de sofrer a morte de mártir. Sentindo ela uma vez um ardente desejo de receber essa graça, viu uma coroa sumamente brilhante mas ainda incompleta e conheceu que lhe estava destinada. Desejando, porém, que ela ficasse acabada, rogou a Deus que aumentasse seus sofrimentos. O Senhor a atendeu e enviou-lhe soldados que não só a acabrunharam com insultos, mas também a espancaram barbaramente. Logo depois apareceu-lhe um anjo com a coroa acabada e disse-lhe que seus últimos sofrimentos tinham acrescentado as pedras preciosas que ainda faltavam; pouco tempo depois deixou ela esta vida pela eterna.

Os doentes devem, particularmente, se conformar com a morte. Não se sabe se está próxima sua última hora e seja qual for a espécie de morte que Deus lhes envia. Afinal, que é a vida senão uma contínua tempestade, em que nos achamos continuamente em perigo de nos perder para sempre? São Luís Gonzaga, que morreu na flor da idade, recebeu alegremente a morte, dizendo: *“Agora acho-me, como espero, na graça de Deus; porque não sei o que acontecerá mais tarde comigo, quero morrer agora, se aprouver a Deus chamar-me desta vida”*.

E não caia na tentação de dizer que São Luís foi um santo e tu, um miserável pecador. Ouve o que diz São João d’Avila: *“Se nossa alma se achar em um estado mediocrementemente bom, devemos desejar a morte para escapar ao perigo de perder a graça de Deus, ao qual estamos aqui na terra incessantemente expostos. Oh! Quão desejável é obter a segurança, por meio da morte, de que não se pode mais perder a Deus”*.

Não caia na tentação de querer mais tempo para fazer o bem e acumular merecimentos nesta vida. Quem garante que, vivendo mais, não se tornará pior ou cairá em pecado mortal? São Bernardo nos lembra que quanto mais vivemos, mais pecados cometemos. Se amamos a Deus, deveríamos desejar vê-Lo e amá-Lo face a face no céu. Como Santo Agostinho exclamava, cheio de amor por Deus: *“Senhor, faça eu morra, para que chegue à vossa visão”*.

A PACIÊNCIA NAS INJÚRIAS E PERSEGUIÇÕES

Outra ocasião de praticar a paciência nos oferecem as injúrias e perseguições. Quando São Pedro Mártir se queixava de ter sido encarcerado injustamente, indagava: *“Senhor, que mal fiz eu para ter de sofrer esta perseguição?”*. E Jesus crucificado lhe respondeu: *“E que mal fiz eu para ser pregado nesta cruz?”*.

Cristo, sofrendo por amor de nós, quis sofrer a morte, não é muito se nós, por amor dEle, recebermos ultrajes. Deus não quer o pecado, mas a prova de que O amemos, e esta prova passa por suportar pacientemente tudo por Ele.

Insultos e injúrias constituem a única alegria procurada pelos santos. São Filipe Néri suportou, durante trinta anos, em sua residência, na igreja de São Jerônimo, em Roma, muitíssimos maus tratos de um miserável; apesar disso, não queria abandonar esse lugar, não obstante os convites de seus filhos espirituais, que o queriam junto de si, em seu Oratório, recentemente fundado; afinal, só obrigado por uma ordem expressa do Papa consentiu em habitar com seus irmãos de Ordem.

Todos os santos tiveram de sofrer perseguições aqui na terra. São Basílio foi acusado de heresia junto ao Papa São Dámaso. São Cirilo de Alexandria foi condenado como herege em um Concílio de quarenta Bispos e deposto de seu Bispado. Santo Atanásio foi acusado de magia e São João Crisóstomo, de impureza. São Romualdo, depois de ter cem anos, foi acusado de um horrendo crime, de forma que se dizia que ele merecia ser queimado vivo. De São Francisco de Sales inventaram que ele tinha comércio ilícito com uma mulher, e essa calúnia pesou por muito tempo sobre ele; só depois de três anos é que veio à luz sua inocência. Entrou uma vez no quarto de Santa Liduína uma mulher, que começou a dirigir à santa as mais abomináveis palavras que imaginar se possam. Conservando Liduína a tranquilidade de

costume, aquela miserável se enfureceu tanto que esgarrou na face da santa; apesar disso, permaneceu ela inabalável em sua paciência.

Não pode ser de outra forma: *“Todos os que quiserem seguir a Jesus Cristo sofrerão perseguição”*, como diz o Apóstolo (2 Tm 3, 12).

Quem foi mais inocente e santo do que nosso Salvador? Apesar disso, foram os homens tão longe na sua perseguição que O pregaram na cruz, na qual expirou, saturado de chagas e opróbrios.

Para nos ensinar a suportar pacientemente as perseguições, São Paulo nos exorta a pensar constantemente em nosso Salvador Crucificado. Estejamos convencidos que, se suportarmos com paciência todas as injúrias, Deus mesmo tomará a si nossa justificação; e se Ele permitir que levemos uma vida desprezada, o faz unicamente para recompensar com mais glória, no outro mundo, a nossa paciência.

Em uma palavra: humilhação, pobreza, dores, toda a espécie de tribulações são, para uma alma que não ama a Deus, uma ocasião para se afastar ainda mais dele; para uma alma, porém, que está cheia de amor de Deus, são elas uma razão para mais estreitamente se ligarem a Ele e mais perfeitamente amá-Lo. *“Muitas águas não puderam extinguir a caridade”*, diz o Espírito Santo (Ct 8, 7); sim, as tribulações, por maiores e mais numerosas que sejam, não podem apagar, em um coração que nada mais ama além de Deus, a chama do amor, antes, pelo contrário, a avivam cada vez mais.

A PACIÊNCIA NA DESOLAÇÃO ESPIRITUAL

Devemos praticar a paciência mesmo nos momentos de desamparo espiritual, que é o sofrimento mais difícil para quem ama a Deus. Quando uma alma piedosa experimenta consolações espirituais, ela consegue suportar as dores e adversidades, usando essas dificuldades para se unir mais a Deus. Mas o maior tormento é quando essa alma não sente nenhuma devoção ou zelo, apenas frieza e aridez na oração. No entanto, como afirma Santa Teresa, a alma demonstra o mais puro amor a Deus ao persistir no seu caminho, mesmo sem sentir estímulo ou prazer espiritual, enfrentando repugnância interna e tormento de espírito. *“O Senhor prova aqueles a quem ama por meio de secura de espírito e tentações”*, diz a Santa (Vida, c. 11)

Achando-se uma vez a beata Ângela de Foligno em um tal estado, queixou-se ao Senhor de a ter abandonado. *“Não, minha filha, lhe respondeu o Senhor, amo-te, agora, mais que antes e tenbo-te mais unida a mim do que nunca”*.

São Francisco de Sales alerta que é um erro medir a piedade pelas consolações que sentimos no serviço a Deus. A verdadeira devoção consiste na firme vontade de fazer o que agrada a Ele. Durante a aridez espiritual, Deus une-se mais intimamente às almas que ama, porque as consolações do início da conversão servem apenas como um estímulo inicial. Através das provações e adversidades — como perdas, doenças, ou desapontamentos — Deus liberta a alma de seus apegos terrenos, levando-a a um amor mais puro e desinteressado. Essa purificação é necessária para que o amor a Deus seja verdadeiro e completo, mesmo sem estímulos sensíveis ou prazeres temporários.

Isso se dá com muitas almas que Deus chama a um amor especial: trilham, no princípio, o caminho da perfeição, mas só enquanto acham nele consolações sensíveis. Quando, porém, cessam os doces sentimentos, tornam-se negligentes e recomeçam o seu antigo modo de vida. É um defeito geral de nossa natureza corrompida que nós procuramos, em tudo o que fazemos, a nossa própria satisfação. Por isso precisamos nos convencer que o amor de Deus ou a perfeição não consiste em doces sentimentos e consolações sensíveis, mas em vencer o amor-próprio e cumprir com a vontade de Deus.

Enquanto duram as consolações interiores, não é preciso muita virtude para se renunciar aos prazeres sensuais e suportar com paciência injúrias e adversidades. Uma alma, que é favorecida de Deus com aquele gozo sensível, suporta pacientemente tudo que lhe ocorre; mas sua paciência provém mais do atrativo daquelas consolações do que do verdadeiro amor de Deus.

Para que a alma se firme na virtude, afasta-se Deus dela para curá-la de seu amor-próprio, que se compraz naquelas doçuras. Assim, nos atos de oferecimento próprio, de confiança e de amor de Deus, acha frieza e desgosto em vez da antiga alegria com que os praticava; sente fastio em todos os exercícios de devoção, na oração, na leitura espiritual, até na santa comunhão; mais ainda: chega mesmo a encontrar trevas e aflições, e parece-lhe que, para si, Ele as ama e lhes prepara no céu um lugar onde encontrarão consolações perfeitas e eternas; quanto mais atribuladas viveram nesta terra, tanto mais consoladas serão no seio dos bem-aventurados, onde não cessarão de agradecer ao Senhor e dizer, com o salmista (SI 93, 19): *“Segundo as muitas dores que experimentou o meu coração, alegraram a minha alma as tuas consolações”*.

Santa Joana Francisca de Chantal, sofreu durante quarenta anos com tribulações internas, principalmente com tentações e o temor de estar na desgraça de Deus. Apesar de seus intensos padecimentos, ela mantinha um semblante alegre e permanecia confiante na vontade de Deus. São Francisco de Sales, seu diretor espiritual, sabia que Deus estava agrado com sua fidelidade e comparava seu estado ao de um cantor surdo, que, mesmo não ouvindo sua própria voz, canta com perfeição. Ele aconselhou a Santa Joana a ser fiel ao Senhor e a servir-Lhe com perseverança, mesmo no meio de suas tristezas e aflições, destacando que esse tipo de prova é uma expressão de amor a Deus.

Assim como ela, muitos santos passaram por períodos de desolação espiritual. São Bernardo, por exemplo, falou sobre sentir insensibilidade e falta de prazer na oração e na leitura espiritual, mas compreendeu que Deus reserva as consolações para a vida eterna, não para a jornada terrena. O Beato João d’Ávila também mencionou que é preferível lutar contra tentações e aridez do que buscar consolos espirituais contra a vontade de Deus, pois essas provas fortalecem a alma e a preparam para a verdadeira união com Deus.

Portanto, quando enfrentarmos momentos de desolação, devemos perseverar na oração e nos exercícios espirituais, confiando que Deus permite essas provas para nosso bem e para provar a pureza do nosso amor por Ele. Volta-te para o divino Salvador no Santíssimo Sacramento do altar e suplica-Lhe a graça de te conformares em tudo com sua santíssima vontade. Não deixes igualmente de refugiar-te junto a Maria, quando perturbações internas e

desamparo espiritual te visitarem; pois ela foi designada por Deus para ser a mãe consoladora dos aflitos.

A ABNEGAÇÃO E O AMOR DA CRUZ NO REDENTOR

Para entender a abnegação e o amor à cruz no Salvador, é preciso reconhecer a profunda caridade que Ele tinha pelo Pai e pelas almas. Toda a sua vida foi um ato contínuo de amor puro e intenso, sem qualquer interesse próprio. Jesus nunca buscou seus próprios desejos, mas sempre seguiu a vontade do Pai, fazendo dela a regra de sua vida. Seu único objetivo era a glória de Deus e a salvação das almas.

Jesus levou sua abnegação e entrega total a um amor profundo pela Cruz. Ele foi verdadeiramente o “Homem das dores”, sofrendo desde seu nascimento até sua morte. Em toda a sua vida, Ele enfrentou sofrimento físico e espiritual: dos tormentos em seu corpo aos desprezos e traições de seu povo e apóstolos. Jesus desejava intensamente o momento em que poderia derramar todo o seu sangue para a glória do Pai e a salvação dos eleitos, dizendo que ansiava por ser batizado com o batismo de Seu Preciosíssimo Sangue.

Através da malícia dos homens que Lhe preparam essas torturas, contempla a vontade de seu Pai, em cuja execução está toda a alegria do seu amor. *“Poderia eu não beber o cálice que meu Pai me apresenta?”*.

O bom Pastor das almas sabe amar as suas ovelhas até ao sacrifício de sua vida. *“Procurai a Jesus”*, diz São Bernardo, *“só o achareis na Cruz”*. Eis como Ele ama a seu Pai e eis como Ele nos ama.

A PRÁTICA DA PACIÊNCIA

Oração.

Na oração, contemplando os últimos fins do homem, para se ocupar somente de Deus. Contempla a abnegação e o amor da cruz no Salvador.

Ato interior.

Ó Maria, ore por mim; ajudai-me a abnegar-me e a sacrificar-me constantemente por Jesus e pelas almas.

Durante o dia: Recolhimento.

– Esforçando-se por se conservar unida a Deus por um recolhimento contínuo, a alma multiplicará as orações jaculatórias impregnadas do espírito de abnegação e de amor da cruz: *“Só a Vós, ó meu Deus!”*; *“Tudo por Vós, ó Jesus, e pelas almas”*. E as súplicas ardentes para obter esse espírito: *“Fazei, ó Jesus, que me abnegue e saiba sofrer e morrer por Vós”*.

Exercícios de piedade.

– O fiel os fará com fervor, cultivando com cuidado particular os louvores e as ações de graças; pedindo todas as graças que lhe são necessárias, especialmente a abnegação e o amor da cruz, suplicará com mais ardor ainda a difusão do reino de Deus e a glória do seu nome.

Atividade.

Esforçar-se-á por elevar-se a Deus antes de cada uma das suas ações principais pela pureza perfeita de intenção, consagrando à obra da Redenção os seus pensamentos, os seus afetos, o seu trabalho, os seus sofrimentos, numa palavra, toda a sua vida.

Exercícios de virtude.

– Aceitar generosamente as contrariedades e os sofrimentos enviados pela Providência; prevê-los, se possível, e submeter-se a eles de antemão; pedir o auxílio divino para o momento oportuno.

– Indagar as satisfações reclamadas pelo eu e nas quais se compraz: renunciar-lhes e impor-se alguns sacrifícios voluntários contrários a essas satisfações.

– Examinar quais as cruces que o amor-próprio mais teme e às quais se quisera subtrair, e entregar-se a elas com predileção.

Penitência.

– No exercício da penitência e depois de cada falta arrepender-se perfeitamente sob a inspiração do amor; nos desfalecimentos deplorar antes e, sobretudo o mal de Deus. Saber dizer:

“Aceito, meu Deus, a humilhação que vem das minhas faltas e deploro mais a pena que Vos causei do que o mal que me fiz a mim mesmo”.

– Praticar os exercícios ordinários de penitência, cilício, disciplina, etc., com mais fervor que nunca e para obra da Redenção.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.





AULA 35

A ORAÇÃO VOCAL

Orações iniciais, descritas no início do conteúdo desta disciplina.

Sumário: Nesta aula, trazemos a importância da prática da oração como uma forma acessível e profunda de conexão com Deus, destacando a oração vocal e jaculatórias, que são preces curtas e devocionais, frequentemente usadas no cotidiano. A oração vocal deve ser feita com atenção e respeito, sem distrações, refletindo uma postura de adoração e devoção sincera, como defendida por Santo Afonso e outros Santos. Cada oração, como o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Glória ao Pai, possui um significado profundo. Tais práticas e a invocação dos santos nomes (Jesus, Maria e José) fortalecem a fé, a perseverança e o amor a Deus, além de protegerem contra as tentações.

REQUISITOS DA ORAÇÃO VOCAL



A religião ocupa o primeiro lugar entre as virtudes morais, porque ela se ocupa mais com Deus e se aproxima mais dEle que todas as outras virtudes morais. Para cada cristão que tende à perfeição, deve ser de interesse vital adquirir no mais alto grau possível essa virtude. O meio mais fácil para praticá-la, um meio de que podemos usar à hora e ao tempo que quisermos, é-nos oferecido na oração. Quer pratiquemos a oração de louvor, de agradecimento, de impetração ou propiciação, sempre praticamos com isso, de maneira eminente, a virtude da religião, visto que qualquer oração é uma humilde confissão da grandeza e soberania ou da bondade, fidelidade e misericórdia de Deus.

Na oração podemos externar os sentimentos de nosso coração em voz alta ou baixa, ou então restringir-nos à simples aplicação das faculdades internas de nossa alma. Daí a distinção entre oração vocal ou meditação.

A oração vocal é muito agradável a Deus, porque ela glorifica a infinita majestade de Deus. “O sacrifício do louvor me honra, diz o Senhor por boca de Davi, e nele está o caminho por onde lhe mostrarei a salvação de Deus” (SI 49, 23). Santa Madalena de Pazzi ficava cheia de alegria se a campainha a chamava para a oração no coro; deixava então tudo de lado para se entregar a essa santa ocupação e se representava preencher o ofício dos anjos que, sem cessar, anunciam os louvores de Deus. Para a oração vocal, porém, servir de fato para a glorificação de Deus e para a nossa salvação, deve ser recitada com atenção e devoção.

São Gregório diz que, para a verdadeira oração, não basta a recitação das palavras, mas é necessária a atenção do coração; pois, aos olhos de Deus, valem muito mais os nossos bons sentimentos do que o som de nossa voz. Por isso, se quisermos agradar a Deus, devemos rezar não só com a boca, mas também com o coração. *“Como poderá o Senhor ouvir as súplicas daquele que não sabe o que está pedindo e nem sequer deseja ser ouvido?”*, pergunta São Gregório. *“E como podes esperar ser ouvido de Deus”*, ajunta São Cipriano, *“se tu mesmo não te ouves?”* O Apóstolo diz (1 Cor 14, 4) que não devemos esperar nenhum resultado de uma oração que é feita só com os lábios, sem nenhuma atenção do espírito.

Como a oração, recitada com atenção e devoção, se assemelha a um incenso, sumamente agradável a Deus, e que nos impetra tesouros de graças, assim, a oração em que falta a atenção e o recolhimento de espírito se assemelha a um vapor fétido, que excita a ira de Deus e atrai sobre nós os seus castigos.

Santo Tomás ensina que é um desrespeito permitir que a mente vagueie durante a oração, especialmente ao se pedir algo a Deus, pois isso demonstra falta de reverência e foco. Isso é comparado a um súdito que, ao solicitar um favor de seu rei, se distrai, ignorando o pedido que faz. Jesus condenou atitudes semelhantes nos judeus, afirmando que o louvor feito só com os lábios, mas sem o coração, é vazio. São Basílio reforça essa ideia, afirmando que orar com distrações é uma afronta a Deus, atraindo sua ira em vez de suas graças.

O demônio busca distrair-nos com pensamentos mundanos durante a oração para nos privar de seus benefícios e levar-nos a agir com desrespeito diante de Deus. Por isso, é essencial começar a oração com atenção e devoção, afastando pensamentos terrenos antes de entrar em um lugar de culto, como aconselha São João Crisóstomo. O Espírito Santo também nos orienta a preparar a alma antes de orar, lembrando que, ao louvar a Deus, buscamos misericórdia. Além disso, anjos estão presentes, prontos para apresentar nossas orações a Deus como incenso agradável, elevando-as como uma oferta de devoção.

Antes de iniciar a oração, Santo Afonso recomenda refletir que estamos prestes a falar com Deus sobre nossos assuntos mais importantes, o que atrairá o olhar amoroso do Senhor e sua disposição para ouvir nossas súplicas. Ele sugere oferecer a oração a Deus antes mesmo de começá-la, pedindo sua ajuda para manter a mente livre de distrações, garantindo luz e apoio para orar com o respeito e a atenção adequados.

É importante evitar orações rápidas e apressadas, pois isso desrespeita a presença de Deus e reduz as graças que poderiam ser obtidas com uma devoção calma e focada. Além disso, recitar orações diante de uma imagem de Jesus ou da Virgem Maria e renovar frequentemente a atenção e a devoção ao longo da oração ajuda a manter o coração em um estado de reverência. Santo Agostinho também destaca que a devoção pode enfraquecer se não for renovada constantemente.

A atenção na oração deve ser tanto externa quanto interna. A atenção externa significa evitar atividades que prejudiquem o foco, como escrever, ouvir conversas ou qualquer outra ação que distraia a mente. Já a atenção interna possui três aspectos: atenção às palavras (pronunciando-as cuidadosamente), atenção ao sentido das palavras (compreendendo o

significado e acompanhando com aspirações do coração), e, idealmente, foco diretamente em Deus, onde a mente se volta ao amor, adoração e súplicas.

Distrações involuntárias não prejudicam a oração, desde que não sejam intencionais, pois Deus compreende nossas fraquezas. Contudo, quando há distração consciente e deliberada, essa oração perde mérito. São Cipriano lembra que é desonroso ocupar a mente com outras coisas ao orar, como se algo fosse mais importante que o diálogo com Deus.

Para São Bernardo, a boa vontade confere valor espiritual à oração, enquanto a indolência a torna indigna de Deus. Em uma visão, São Bernardo viu anjos ao lado dos monges escrevendo suas orações em materiais que representavam o fervor e a atenção de cada um: ouro para grande devoção, prata para uma oração com leve falta, tinta para palavras pronunciadas sem fervor, água para falta de atenção, e silêncio absoluto para aqueles distraídos. Essa imagem reforça a importância de rezar com o coração e mente atentos, com Santo Tomás de Aquino e Santo Agostinho ressaltando que as palavras exteriores devem refletir uma voz interna de devoção e súplica.

DAS FÓRMULAS MAIS USUAIS DA ORAÇÃO VOCAL

É de grande importância que se recitem com devoção especial aquelas orações que se repelem mais vezes, como o Pai Nosso, a Ave Maria, o Glória ao Pai.

Ao recitar o Glória ao Pai, podemos fazer muitos atos de fé, de louvor, de agradecimento, de complacência na felicidade e perfeição de Deus. Santa Maria Madalena de Pazzi fazia a intenção de oferecer sua cabeça ao carrasco em profissão de sua fé, todas as vezes que a inclinava ao recitar essa invocação.

Quanto à Ave-Maria, sabemos que foi trazida do céu pelo Arcanjo Gabriel e que foi como que a aurora de nossa redenção. Nossa Senhora mesma declarou a Santa Mechtildes que nenhuma outra saudação lhe era tão agradável como essa. Quem saúda a Maria será também saudado por ela. São Bernardo ouviu uma vez como Maria respondia à sua saudação, dizendo: Ave, Bernardo. A saudação de Maria, segundo São Boaventura, é sempre uma graça especial, com que responde cada vez à nossa saudação. Nossa Senhora mesma prometeu a Santa Gertrudes assisti-la de um modo especial na hora da morte, à medida das vezes que ela recitasse a Ave-Maria.

Mas a oração que devemos rezar com mais devoção é o Pai-Nosso, que nos foi ensinado pelo divino Salvador em pessoa.

Somos tão miseráveis e nosso espírito tão limitado, que nem sequer sabemos que graças devemos pedir a Deus para nossa salvação. Conhecendo, porém, Jesus a nossa pobreza e impotência, ditou-nos ele uma súplica ou uma lista do que devemos pedir, e manda-nos dizer o seguinte:

“Pai Nosso que estais no céu”.

São João nos faz notar o amor que o Pai celeste nos testemunhou querendo *“que fôssemos chamados e o fôssemos na realidade de filhos de Deus”* (1 Jo 3, 1). É certamente o efeito de um amor

indizível que nós, vermes da terra, sejamos chamados e sejamos em verdade filhos de Deus, ainda que adotivos; e essa imensa graça no-la adquiriu o Filho de Deus fazendo-se homem, como diz São Paulo: *“Recebestes o espírito de adoção de filhos, segundo o qual clamai: Abba, Pai”* (Rm 8, 15).

Poderá haver coisa mais ditosa para uma criatura do que ser adotada como filha por seu Criador? Pois isso fez Deus a nosso respeito, e Ele quer que, com confiança filial, lhe digamos:

“Santificado seja o vosso nome”.

Deus não pode tornar-se mais santo do que já é desde toda a eternidade, visto que sua santidade é infinita. O que desejamos, nessa súplica, é que Deus se digne difundir por toda a parte o conhecimento de seu nome, para que todos os povos O amem, tanto os pagãos, que ainda não O conhecem, como os hereges, que O não conhecem devidamente, e os pecadores, que O conhecem, mas não O arriam.

“Venha a nós o Vosso reino”.

Deus impera sobre a nossa alma, tanto no reino da graça, como no reino da glória. Suplicamos, na segunda petição, que a nós venham ambos esses reinos, isto é, que a graça divina impere sobre nós aqui na terra e nos dirija e governe para que um dia sejamos achados dignos da eterna glória e alcancemos a felicidade fie possuir e pertencer a Deus para todo o sempre.

“Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu”.

Toda a perfeição de uma alma consiste no fiel cumprimento da vontade de Deus, como a cumprem os saídos no céu. Por isso Jesus Cristo quer que peçamos a graça de cumprirmos na terra a vontade de Deus como os santos e anjos a cumprem no céu.

“O pão nosso de cada dia nos dai hoje”.

Nesta súplica pedimos a Deus os bens temporais que precisamos para a conservação de nossa vida atual. Com as palavras *“o pão nosso de cada dia”* nos é dito que devemos pedir esses bens com moderação, como Salomão, que pediu só o que lhe era necessário: *“Dai-me só o que preciso para alimentar-me”* (Pr 30, 1).

Além disso, deve-se notar que no evangelho de São Mateus, em vez de pão nosso *“de cada dia”*, se lê *“que é sobre toda a substância”*, sob o que se entende, segundo o Catecismo Romano, Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento do altar. Pedimos cotidianamente esse pão porque, segundo o conselho do Concílio de Trento, cada cristão deveria receber todos os dias a santa comunhão, ao menos espiritualmente.

“Perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores”.

Para comermos dignamente esse pão divino devemos estar isentos de pecados mortais; se formos réus de algum pecado mortal, devemos antes nos purificar no sangue do cordeiro, no sacramento da penitência. Quanto aos pecados veniais, se deve dizer que quem alimenta em seu coração um apego formal a um tal pecado, é, ao menos de certo modo, indigno da sagrada comunhão: em todo caso, não se tem a disposição devida para se aproximar a miúdo da santa mesa (Isso é inteiramente conforme o decreto de Pio X).

“E não nos deixeis cair em tentação”.

Com isso pedimos a Deus que não permita incorramos em tais ocasiões de pecado em que hajamos de ofendê-Lo. Segundo a admoestação do Salvador, devemos vigiar sempre e orar, para que não caíamos em tentação. Cair em tentação e achar-se na ocasião próxima de pecado é uma e a mesma coisa; donde a necessidade de se repetir muitas vezes: Não nos deixeis cair em tentação.

“Mas livrai-nos do mal”.

Há três espécies de mal, dos quais devemos pedir a Deus que nos livre: os males temporais do corpo, os males espirituais da alma, e os males eternos da outra vida. Quanto aos males temporais desta vida, devemos estar sempre prontos a receber de sua mão, com inteira aquiescência, todos aqueles que Deus enviar à nossa alma para nosso bem, como pobreza, doenças, abandono, etc. Quando, portanto, pedimos a Deus que nos livre dos males temporais, devemos fazê-lo sempre com a condição de que não sejam necessários ou úteis para a nossa salvação. Os verdadeiros males, porém, dos quais devemos pedir incondicionalmente que Deus nos livre, são os males espirituais, os pecados, e, como consequência deles, os males eternos no outro mundo. De resto, devemos nos convencer na verdade inconcussa de que, no atual estado de nossa natureza corrompida, não podemos nos salvar senão passando por muitas tribulações (At 14, 22).

Conclui-se a oração dominical com a palavra *“Amém”*. Essa palavra contém todas as petições juntas; a repetição dessas súplicas é muito agradável ao Senhor; quanto mais instantemente Lhe suplicarmos as suas graças, tanto mais depressa nos atende. Os grandes deste mundo se irritam quando se veem importunados com súplicas: Deus, porém, acha gosto nisso e até deseja essa importunação.

DAS ORAÇÕES JACULATÓRIAS

A oração vocal pode ser realizada de maneira simples por meio das jaculatórias – breves e piedosas expressões de devoção que não exigem um local ou momento específico. Essas pequenas orações podem ser feitas a qualquer hora e lugar, em meio às atividades cotidianas, e incluem atos de amor, confiança, resignação, agradecimento e invocação dos santos nomes de Jesus e Maria. Os santos, especialmente São João Crisóstomo, consideravam essas orações eficazes para manter a presença de Deus constantemente e impedir que maus pensamentos perturbem a mente. Atos de amor e oferecimento pessoal são particularmente agradáveis a Deus, expressando o amor e a devoção contínuos de quem sempre pensa em Deus.

Esforça-te, pois em repetir sem cessar a teu divino Salvador, de dia como de noite, em companhia ou só: *“Ó meu Deus, só a Vós desejo e nada mais; dou-me todo a Vós; quero tudo o que quereis; disponde de mim como Vos aprouver”*.

Estas únicas palavras já bastam: *“Meu Deus, eu Vos amo”*. Ou então: *“Meu Deus e meu tudo”*.

A prática dos atos silenciosos de amor a Deus, como elevar o espírito ou olhar amorosamente para o céu, o Santíssimo Sacramento ou o Crucifixo, é valiosa e recomendada. Esses atos podem ser realizados repetidamente, muitas vezes com mais fervor que as orações faladas, e frequentemente surgem do fundo do coração ou de uma inspiração do Espírito

Santo. O amor a Deus atinge a perfeição quando nossa vontade se alinha com a vontade divina. Buscar sempre aquilo que Deus quer e familiarizar-se com passagens bíblicas, como “*Senhor, que quereis que eu faça?*” (At 9, 6), nos conduz à santidade, fortalecendo nossa união com Ele.

Se nos sucederem graves contrariedades, mortes de parentes, perda de bens, etc., digamos então com o divino Salvador: “*Meu Deus e meu Pai, assim seja, porque vós o quereis*” (Mt 11, 26). Recitemos principalmente aquela oraçãozinha que Nosso Senhor nos ensinou: “*Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu*”.

Nosso Senhor recomendou a Santa Catarina de Gênova que atendesse de um modo especial a essas palavras, todas as vezes que rezasse o Pai Nosso para pedir-Lhe a graça de cumprir perfeitamente com sua santa vontade, como o fazem os santos no céu. Façamos o mesmo e certamente nos tornaremos santos.

Também aquelas jaculatórias, pelas quais nos entregamos por inteiro a Nosso Senhor, pertencem às melhores. Cada uma delas é como uma seta que atinge o Coração de Deus. Quão bela não é a expressão de São Bernardo a esse respeito: “*Aprendamos a disparar os nossos corações a Deus*”.

Se uma alma se entrega sem restrição a Deus, dispare, por assim dizer, seu coração como uma seta ao Coração de Deus, que se considera como que um prisioneiro e uma presa daquela alma. As almas que amam a Deus verdadeiramente se consagram por completo à Ele e renovam continuamente sua entrega com estas ou semelhantes ardentes jaculatórias: “*Ó Senhor, sacrifico-me por inteiro a Vós, e como não posso me entregar tão perfeitamente a Vós como devo, apoderaí-Vos de mim. Quero pertencer-Vos inteiramente; a Vós compete fazer que eu seja todo Vosso*”.

A INVOCAÇÃO DOS NOMES SANTOS

Entre todas as jaculatórias a invocação dos doces nomes de Jesus, Maria e José deve ocupar o primeiro lugar, porque ela contém em si tudo o que devemos amar, desejar e possuir.

O nome de Jesus. Seu nome, nos enche de consolação, pois, se invocarmos a Jesus, acharemos alívio em todas as nossas tribulações. Esse nome divino é chamado pelo Espírito Santo “*óleo derramado*” (Ct 1, 2). E com toda a razão; porque, como o óleo serve para a luz, para a comida e para remédio, assim também, segundo a explicação de São Bernardo, o nome de Jesus é, primeiramente, luz: sendo Ele pregado, brilha, pois nesse nome nos tornamos felizes filhos da verdadeira luz, isto é, da Santa Igreja. O nome de Jesus é então uma comida, que alimenta nossas almas: sendo “*meditado no coração, alimenta*”; pois este nome fortalece os crentes e fá-los gozar de paz e consolação no meio da miséria e das perseguições deste mundo. Ele é, finalmente, uma medicina para aquele que o invoca: “*sendo invocado, alivia e cura*”. “*Levantando-se a luz desse nome, desaparecem as nuvens e resplandece novamente o céu azul*”.

Se uma alma se encontra na tristeza e perturbação, basta invocar o nome de Jesus, e imediatamente amaina a tempestade e volta a tranquilidade. Se um infeliz tiver a desgraça de cair num pecado e faltar-lhe a confiança no perdão, invoque esse nome de vida e logo renascerá em seu coração a esperança do perdão. O nome de Jesus nos protege, além disso,

contra todas as ciladas e ataques de nossos inimigos. O Messias é chamado “o forte” pelo profeta Isaías (Is 9, 6), e o Sábio diz: “O nome do Senhor é uma torre fortíssima” (Pr 18, 10).

Disso devemos aprender que quem se põe debaixo da proteção desse poderoso nome não tem a temer os ataques do inferno. Segundo São Pedro, “*não há outro nome debaixo do céu, dado aos homens, pelo qual nos possamos salvar*” (At 1, 12), fora do nome de Jesus. Jesus Cristo não nos salvou uma vez somente, mas Ele continua a nos salvar por seus merecimentos, livrandonos, todas as vezes que O invocarmos, do perigo de pecar, segundo a sua promessa: “*Tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome, eu o farei*” (Jo 14, 11). Por isso São Paulo nos aconselha que não façamos pouco caso desse grande meio de salvação e nos dá a certeza de que: “*Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo*” (Rm 10, 13). “*Nas tentações do demônio ou dos homens, que te incitam ao pecado, invoca a Jesus, e sairás vencedor; e se a tentação perseverar, não cesses também de invocar a Jesus, certamente não sucumbirás*” (São Lourenço Justiniano).

Que felicidade para nós se pudermos pronunciar o nome de Jesus na morte! Se, porém, desejamos que na morte paire em nossos lábios o doce nome de Jesus, devemos nos acostumar a pronunciá-lo muitas vezes durante a vida e sempre com amor e confiança.

O nome de Maria. Unamos sempre ao nome de Jesus o belo nome de Maria. Esse nome também vem do céu; e é tão poderoso que o inferno treme diante dele. É ao mesmo tempo um nome dulcíssimo, porque designa aquela soberana rainha que é a Mãe de Deus e nossa Mãe, mãe de misericórdia e mãe do belo amor. Como o respirar é um sinal de vida, diz São Germano, assim também a repetida invocação do nome de Maria é um sinal de que a graça está conosco, ou, ao menos, renascerá brevemente em nós; pois esse poderoso nome possui a força de alcançar, para todos aqueles que o invocam, o auxílio de Deus e a vida da graça. Principalmente nos ajuda ele a vencer as tentações contra a santa pureza. “*Feliz daquele que ama o vosso doce nome, ó Maria*”, diz São Boaventura. “*Esse nome é sumamente glorioso e portentoso; todos que procuram pronunciá-lo na hora da morte, nada terão a temer dos ataques do inferno*”.

O nome de José. Finalmente, não nos devemos esquecer de unir aos santos nomes de Jesus e Maria o nome de José, pois nós devemos honrar quanto está nas nossas forças aquele a quem o rei do céu e da terra concedeu a sublime, dignidade de pai nutrício de seu divino Filho e de protetor da virgindade de Maria.

ORAÇÃO FINAL

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém.

† Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Amém.

